

**Resumo do Livro: Servenco, Sobrenome Steinberg produzido pelo autor Marcos Eduardo Neves.**

CAPÍTULO 1  
OS STEINBERG

Tudo começou com Leib Steinberg, que devido às sucessivas perseguições religiosas, deixou a pequena Chernivtsi, localizada ao sudoeste da Rússia, no começo do século XX, aos 20 anos de idade. Com apenas 200 dólares no bolso e sem falar nada além do iídiche, Leib despediu-se dos pais e dos irmãos, juntou dinheiro fazendo biscates pela Europa e comprou uma passagem de terceira classe para a América. Sua intenção era seguir de navio para os Estados Unidos, mas acabou rumando ao Uruguai. Todavia, desembarcou no Brasil. O navio fez parada no porto do Rio de Janeiro e um amigo da colônia judaica carioca o instigou a descer com as malas. Esperançoso, Leib se tornou mais um dos cerca de 30 mil judeus que, entre 1920 e 1930, entraram no país.

Na época, era muito comum a colônia judaica se ajudar. Algumas instituições socorriam os imigrantes, acolhendo-os em sobrados. Dando início a uma dura vida de trabalho e perseverança, Leib aportuguesou seu nome para Leão Steinberg e com o auxílio de comerciantes judeus, que lhe consignaram mercadorias, obteve crédito para sair às ruas como mascate. Batia de porta em porta a vender produtos a prestação. Pagava o débito e guardava, sabiamente, o troco que sobrava.

Em setembro de 1922, na Grande Exposição Internacional do Centenário da Independência, na Esplanada do Castelo, Leão conheceu Clara Koifman. Nascida em 5 de janeiro de 1901, Clara era filha de uma mulher admirável. Vinda de família composta por intelectuais independentes, Rosa Koifman foi uma heroína. Perdera o marido, Jacob, vitimado por febre tifoide, e criou, na pequena e gelada Lipcani, na Bessarábia (hoje Moldávia), três filhos. Duas meninas e um rapaz. Elas, Clara e Sara; ele, Buriel.

Por conta da constante ebulição política, Rosa trocou Lipcani pelo Brasil. Desembarcou no Rio em janeiro de 1922. Corajosa, aos 47 anos, trouxe os três rebentos, todos menores de idade. Abriu uma pensão no Centro. Sorte ter encontrado aqui um povo hospitaleiro, cordato, bom, sensível e amigo. Assim, os filhos puderam ser bem-educados. E cultos. Cultura que, por sinal, num golpe do destino, levaria a fechada e reservada Clara Koifman aos braços do homem de sua vida, o extrovertido e trabalhador Leão Steinberg.

O mero fato de Leão e Clara terem se conhecido na Grande Exposição atesta o grau da curiosidade e do interesse em comum dos dois pelo mundo contemporâneo. Corações que bateram mais forte, casaram-se em 28 de fevereiro de 1923. Meses depois, na pensão da rua General Caldwell, às 8h50 do dia 25 de janeiro de 1924, nasceu Jacob Steinberg. Nome que homenageia o avô que sequer pôde conhecer: Jacob Koifman, marido de Rosa.

De origem humilde, Leão e Clara reiniciaram a vida no Brasil com sacrifício. Ao menos, sabiam poupar; cultivavam por hábito a necessidade de preparar o futuro. Ensino que levaria Jacob e sua futura esposa a objetivos maiores do que simplesmente sobreviver. Preceitos que os conduziram à prosperidade e ao sucesso empresarial.

Fundamentado em profunda honestidade, por sua enorme capacidade de trabalho e a férrea vontade de vencer, logo Leão progrediu. Depois de morar na rua Visconde de Itaúna, comprou uma casa maior em Vila Isabel, na Praça Sete, a atual rua Barão de Drummond, número 15.

Quando criança, Jacob Steinberg morou com os pais na casa de quatro quartos em Vila Isabel. Percebeu o quanto sua mãe Clara era culta. Frequentemente, ela discutia

literatura e os acontecimentos de seu tempo com um grupo de escritores amadores de esquerda.

Num tempo em que ensino gratuito era de notável qualidade no país, Jacob Steinberg estudou numa escola pública e depois fez o primário na Sholem Aleichem, instituição dirigida por um professor emérito chamado Eliezer Steinberg.

Criado numa casa progressista, seus pais se relacionavam em português e no dialeto judaico. Por viver nesse ambiente, Jacob Steinberg aprendeu a falar e escrever em iídiche. Como único filho homem – já haviam nascido Aída, em 1929, e a temporã Áurea, 15 anos mais jovem que ele – Jacob Steinberg era o herdeiro do que havia de mais valioso em casa. Do sobrenome às tradições, caberia a ele conduzir a história da família avante.

Por volta de 1936, Leão Steinberg abriu uma mobiliária na Avenida 28 de Setembro – naquele tempo, ainda chamada de Boulevard. Ampliaria a loja mais duas vezes, com sócios diferentes. Àquela altura, era um homem se não rico, ao menos bem-sucedido. E o filho trilhava um caminho de riqueza intelectual. Terminado o primário, fez o ginásio no principal colégio do país, o Pedro II, na Rua Larga. Onde descobriu-se bom caricaturista e revelou dotes de líder, por seu incrível domínio sobre a oratória.

Na época, Jacob, que se tornaria benemérito do Flamengo, ainda torcia pelo Andaraí Futebol Clube. Contudo, preferia discutir política. Viveu na pele a crise originada pela promulgação do salário mínimo, instituído pelo presidente Getúlio Vargas, e pela consolidação das leis do trabalho – fatores que levaram os negócios de seu pai à falência.

Ao menos, Jacob Steinberg vinha fazendo por onde. Entrara na Escola Nacional de Engenharia, no Largo do São Francisco – também conhecida como Escola Politécnica, a mais antiga do Brasil. Ainda que tivesse pouco tempo para estudar. Afinal, fazia jornada dupla. Fora da faculdade, era repórter de um jornal popular. Aproveitava suas habilidades artísticas também em desenho e pintura, elaborando cartazes de preços para várias lojas. Trabalhou ainda com um empreiteiro, esquadrinhando orçamentos. No quarto ano, conseguiu um estágio no Ministério da Educação e Saúde. Só sairia de lá para abrir sua empresa. A sólida Servenco.

## CAPÍTULO 2 OS PERELBERG

Na fronteira da Rússia com a Bessarábia, na Ucrânia, Saul Perelberg nasceu num sagrado sábado, em 21 de setembro de 1895. Filho de Moisés e Tuba Perelberg, cresceu em meio à extrema pobreza da população. Inteligente e otimista, quando jovem trabalhou como comerciante, viajando muito. Em 1922 decidiu ir além. Migrou para a América. Só não foi sozinho. Levou junto Manya Tzusmera – sua mulher um ano mais jovem, nascida em 10 de outubro de 1896.

Chegando ao porto do Rio, em fevereiro de 1923, Saul contou com a solidariedade da colônia judaica para também recomeçar a vida, como mascote. No futuro, já adaptado, junto aos quatro irmãos e duas irmãs que residiam na cidade, trouxe sua mãe, Tuba, àquela altura viúva, ao país.

Não demorou para ter filhos. Filhas, aliás. Já com o nome aporuguesado para Maria, sua senhora deu a luz a uma menina. Nascida no Méier, em 15 de janeiro de 1924, Clara Perelberg cresceu com saúde na casa de número 14 da rua Manoela Barbosa. Mais três anos e ganhou uma irmã, Esther Perelberg.

Na Escola Enes de Sousa, Clara mostrou enorme potencial. Sua inteligência era acima da média. Aprendia com facilidade, era excelente aluna. Dando mostras de sua intelectualidade, aos 10 anos amava ler jornais.

Ao fim do curso primário, fez concurso para o Instituto de Educação, a antiga Escola Normal, que formava professoras. Contudo, o exame admissional apontou problemas em seu coração, o que impediu seu ingresso na instituição. Sorte a dela. Pois fez prova, passou e se matriculou, em 1935, no externato do colégio Pedro II. Ali, desde o primeiro ano ginasial, distinguiu-se dos demais – fossem homens ou mulheres. Conhecida por seu grande valor, aluna extraordinária, no dia do edital, quando eram exibidas as notas do bimestre, os alunos corriam para o quadro de avisos do corredor principal a fim de conferir se ela havia novamente tirado a nota máxima em todas as matérias. Dificilmente tirava menos de 10 em alguma. Ano após ano.

Perto do vestibular, passava dias e mais noites debruçada sobre livros e apontamentos, convicta e consciente de que adentraria um mundo tipicamente masculino. Sua queda por Matemática, Física e Química a levou a, no final de 1941, prestar vestibular para Engenharia.

Fez o vestibular, duríssimo por sinal, e passou de primeira. Mais que isso: passou em primeiro. Sim, primeiro lugar não entre as mulheres, mas entre os 400 aprovados.

Preocupada com as oportunidades de trabalho, num tempo em que a mulher era discriminada ostensivamente – para se ter ideia, apenas em 1932 o trabalho de mulheres foi regulamentado no país – Clara optou por fazer, de forma simultânea, dois cursos. Estudou, ao mesmo tempo, Engenharia Civil e Engenharia Industrial, modalidade Química, na Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, a Politécnica.

Só o fato de fazer Engenharia era, por si só, uma inovação. Dois cursos simultâneos, então, nem se fala. Ainda era a melhor aluna da turma. O que soava quase como uma afronta à sociedade machista, que não considerava adequado o fato de mulheres cursarem aquela faculdade. Mas Clara não queria confrontar. E sim realizar seu sonho.

Fez um curso primoroso. Os professores a bem queriam porque era centrada, culta, de raciocínio rápido e com construções mentais constantes. Estudava bastante, obtinha notas expressivas, era sábia e determinada.

Em 1945, ao fim da Segunda Guerra Mundial, Clara Perelberg e Jacob Steinberg finalmente cruzaram suas histórias. Ele tinha acabado de prestar o serviço militar no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, o CPOR. Quando se conheceram, Jacob

estava no terceiro ano da faculdade, um atrás dela. No casamento da filha de um amigo de Saul Perelberg, na Associação dos Empregados do Comércio, na Avenida Rio Branco, pela primeira vez os dois trocaram palavras. Dançaram juntos uma valsa. Nervoso, Jacob a certa altura pisou os pés da dama. Cavalheiro, pediu tantas desculpas que, sem saber, conquistou-a ali.

Durante o namoro, que começou em poucos dias, eram poucos os momentos de lazer aos quais a dupla se permitia. Estudavam muito. Tais estudos valeram a Clara uma satisfação enorme ao fim de 1946. Num total de 200 formandos, dos quais apenas cinco eram mulheres, ela tornou-se engenheira civil e química, uma distinção extraordinária, ainda mais numa época em que segregavam-se as mulheres. Para se ter ideia, no curso de Engenharia Química, apenas ela e outra colega conseguiram se formar.

Após os festejos de fim de ano, Clara, primeira aluna, aliás, primeiro aluno de todo o curso, foi diplomada pela Escola Nacional de Engenharia. Adiantada em relação ao namorado, formou-se um ano antes de Jacob Steinberg, que trabalhava no Ministério de Educação e Saúde, atuando no setor de Divisão de Obras. Ao se formar, Jacob tornou-se funcionário público do Ministério. Ao passo que Clara, já diplomada, arriscou-se na área química. Primeiro, numa loja de tintas. Depois, num laboratório farmacêutico.

Após deixar o laboratório, Clara passou a trabalhar com Jacob. Brilhou como assessora do diretor da Divisão de Obras. A certa altura, chegaram à conclusão de que o funcionalismo público não os conduziria ao progresso almejado. Acreditavam que só se realizariam profissionalmente na concorrida e penosa iniciativa privada. Decididos a também constituir família, casaram-se no Grande Templo Israelita, no Centro, em 1º de fevereiro de 1948. Pouco depois, criaram a Servenco.

### CAPÍTULO 3 A SERVENCO

O ano de 1948, importantíssimo para a história dos judeus por conta da criação de Israel, foi significativo também para a história dos Steinberg.

Inegável que Jacob e Clara tinham muitas ambições. Não é qualquer um que deixa um cargo de estabilidade em troca do nada. Sem tempo a perder, foram à luta. Buscavam obras, mas a iniciativa privada era difícil. Não havia incorporadoras, mecanismos de financiamento, as negociações eram feitas diretamente com o proprietário do terreno. Era preciso primeiro arranjar um proprietário que tivesse interesse em realizar uma obra e que dispusesse um terreno para edificá-la. Depois, um projeto factível, que garantisse a rentabilidade do investimento, teria de ser esboçado. A tarefa final seria convencer o cliente de que se tratava de um empreendimento viável, com retorno assegurado para o seu capital.

Mas como conseguiriam alguém que lhes entregasse um terreno, seu patrimônio, e lhes pagasse, confiasse em dois jovens, sendo estes jovens um homem e uma mulher, dois recém-formados, sem currículo algum? Saul Perelberg ajudou. Um conhecido seu queria fazer um prédio pequeno, num terreno do Andaraí, para com o aluguel de apartamentos melhorar sua condição financeira. Só não queria pagar muito a dois novatos. Saul indicou a filha e o genro, anunciando a sedutora receita do bom, bonito e barato.

Naquele momento, Jacob e Clara não queriam dinheiro, mas sim começar a montar portfólio. Contudo, para levar a cabo a intenção dos clientes, fazia-se necessário abrir legalmente uma firma. Chegaram juntos ao nome Servenco – abreviação de Serviço de Engenharia Continental.

Quando um despachante foi registrar a empresa, o casal teve outra mostra do quanto as mulheres eram aviltadas no país. O burocrata do Instituto de Marcas e Patentes perguntou:

– Quem é essa vice-presidente aqui? É mulher? Como ela pode estar como vice-presidente? Não pode!

– Por quê? – questionou, aflito, Jacob.

– Porque marido e mulher não podem ser os únicos interessados! Assim, essa empresa vai ser considerada firma individual.

Jacob pediu licença, deu quatro passos para trás e convidou Saul, que estava presente, a se associar. Ouviu um sim sussurrado como resposta.

– Por favor, vou colocar mais um nome então entre os sócios: Saul Perelberg.

– Tudo bem, mas ainda assim mulher não pode exercer atividade comercial sem autorização expressa do marido. Vou precisar de uma autorização por escrito para podermos começar a agilizar os demais trâmites.

Desta forma, naquele mesmo dia – 1º de outubro de 1948 – Jacob deu andamento a Servenco como empresa de engenharia e construção de imóveis. Ainda que tenha demorado mais de um ano para que visse tudo devidamente regularizado.

De início, o escritório se resumiu a uma prancheta em casa, onde os dois esboçavam os primeiros projetos. A firma começou com dificuldade. Jacob contou com a ajuda do sogro Saul para juntar um capital de giro e assim poder quitar as primeiras despesas, comprar materiais, pagar funcionários, enfim.

Logo os dois jovens engenheiros se transformaram em tudo. Eram ora arquitetos, ora boy, ora secretária. Cabia a Clara conceber e detalhar as soluções do projeto, fazer as plantas e os cálculos. Do relacionamento comercial com o cliente à escolha e ao pagamento de operários, passando pela coordenação do mestre de obras, Jacob era o responsável.

Clara antevia e Jacob executava as ideias de Clara. De vez em quando eles se chocavam, mas só brigavam profissionalmente, de forma construtiva. A coerência

predominava nas discussões. Ele controlava, era capaz de fazer algo de fato acontecer. Ela pensava, materializava soluções.

Feito de empreitada – ou seja, a preço fixo, sem correção monetária – o prédio de número 53 da rua Gastão Penalva pode não ter trazido vantagem financeira a Jacob e Clara, mas trouxe reconhecimento. Por terem mostrado palavra, cumprido o prazo e apresentado qualidade acima das expectativas, aquele edifício, mais do que um belo começo de portfólio, teria para sempre um valor sentimental.

Saul seguiu a angariar interessados por novas obras, garantindo a idoneidade dos novos construtores. Em 1949, graças à sua “boca de urna”, entregou mais quatro obras à Servenco, a primeira empresa de construção brasileira a ter uma mulher em posição preponderante, de absoluto destaque.

Era notável o crescimento da firma. No ano de 1950 houve nove construções. Entre as quais, dois edifícios relativamente maiores na rua Conselheiro Macedo Soares, na Lagoa. Obras que só foram viáveis graças ao financiamento da Companhia Progresso do Estado da Guanabara, a COPEG, que era ligada à prefeitura. Porém, nada de se endividar. Prédio levantado, Jacob e Clara venderam os apartamentos e quitaram o débito. Não contrair dívidas foi outro segredo do sucesso da Servenco.

Em 1951 a empresa concluiu mais 10 obras. A partir de então, passou a construir edifícios com mais de oito pavimentos. Um marco na história da construção civil brasileira, na época.

Desde 8 de novembro de 1950 a sede havia mudado para a rua México, 98. Clara Steinberg, que colocava ali em prática todo o seu espírito criativo e arrojado, mostrava estar à frente de seu tempo. E Jacob provava ser um administrador nato.

Mais do que nunca, a união fazia a força.

## CAPÍTULO 4 A AFIRMAÇÃO

No caso de Jacob e Clara Steinberg, vida profissional se confunde com pessoal. Desde que os dois se conheceram, no terceiro ano da faculdade de Engenharia, estão juntos. Tanto em casa como no trabalho, compartilham responsabilidades, tristezas e alegrias. Como a do nascimento, em 20 de junho de 1950, de Ronaldo Steinberg, o primeiro filho. Pouco mais de dois anos depois, em 17 de julho de 1952, Clara gerou, também na casa de saúde São Sebastião, no Catete, Rogerio Steinberg.

Ao passo que os filhos cresciam, a Servenco se consolidava como uma das mais respeitadas empresas de construção civil do mercado carioca. Entre 1951 e 1952, ergueu dois edifícios altos na rua Barão de Itaipu, no Andaraí, com cômodos de dois e três quartos.

Fortalecidos pela experiência adquirida, lançaram-se nas incorporações – sem, no entanto, parar de construir para terceiros. Começaram transfigurando terrenos da família. Leão e Jacob juntaram economias para demolir a casa onde os Steinberg viveram, na Praça Barão de Drummond, e alçar no local um prédio de oito apartamentos. O mesmo aconteceu com um terreno de Saul Perelberg na rua Francisco Manoel, na estação Riachuelo, que virou um rentável edifício. Jacob comercializou ambos os prédios. Vendeu, com o talento de um autêntico corretor, cada um dos apartamentos.

A partir de então, com mais dinheiro em caixa, a empresa passou a se desenvolver em ritmo vertiginoso. Nesse contexto, o escritório precisou igualmente crescer. De início, trouxeram a arquitetura para dentro do escritório. Era um departamento crucial, que não devia continuar sendo terceirizado. Sempre preocupada com a questão da mulher e sua inserção na sociedade, Clara apostou na talentosa Nora Tausz para comandá-lo.

Enquanto Jacob fazia os contratos, cuidava da área comercial e das partes hidráulicas e elétricas das obras, Clara e Nora dedicavam-se a detalhar os projetos, que espocavam. Clara ainda corria atrás da aprovação destes junto à Prefeitura. Jacob ficava com o mais estratégico das relações e Clara, mais perto da Arquitetura e da Engenharia. A decisão de compra ou venda de terreno era dele, mas ela planejava, via os detalhes, dizia “isso aqui vai vender melhor se for feito dessa maneira”. Ela sabia como ninguém aproveitar da melhor forma o espaço disponível.

Saul Perelberg e Pedro Kullock se encarregavam da contabilidade e dos controles financeiros. Logo, outro técnico se juntou a eles. O projetista Jorge Adam Castellan revelou-se um verdadeiro especialista em orçamentos e controle de custos. Mais que isso, tomava conta de obra, redigia contratos, ajudava na administração da empresa. Era um indefectível faz-tudo.

Em 1951, a Servenco contabilizava 24 obras efetuadas ou em andamento. Um prédio a cada dois meses e meio, em média. Dos pequenos prédios iniciais, de três ou quatro pavimentos, a Servenco, no quarto ano de vida profissional, passou a fazer obras de grande porte. Edifícios de oito a 12 andares erigiram em diversos bairros da cidade.

Ao expandir suas fronteiras para a zona sul, que se verticalizava, em 1952 a vigésima oitava obra da Servenco foi um imponente edifício na badalada Copacabana. Sua primeira assinatura no bairro, na rua República do Peru, 113.

Uma das mais importantes obras da Servenco, não só pelo gigantismo dos 12 andares, o edifício da República do Peru, foi arrojado por outro aspecto. Clara fez questão de embutir no prédio uma garagem subterrânea. A Servenco ainda abrilhantou a entrada do edifício com uma tela de autoria do artista plástico José Morais. A presença de obras de arte seria uma constante na história da companhia.

A empresa mostrava-se capaz. Como prova, para concretizar dois prédios, a Servenco se propôs e conseguiu abrir a rua Ministro Tavares Lira, que liga a Rua das

Laranjeiras à rua Conde de Baependi. Outras duas vias importantes foram abertas na cidade pela Servenco. Uma, o prolongamento da rua Padre Leonel Franca, que interligou a Gávea ao túnel Zuzu Angel. Outra, a Antônio Maria Teixeira, hoje colada ao Shopping Leblon.

Por sinal, a venda dos primeiros apartamentos nos prédios da rua Ministro Tavares Lira se iniciou dois meses antes de o presidente Getúlio Vargas duplicar o valor do salário mínimo. Temerosos quanto ao futuro da construção, muitos fregueses procuraram a Servenco para negociar um acréscimo nas cotas, corrigir o saldo devedor. Contudo, a construtora tomou a decisão de honrar o contrato e conservar os preços dos apartamentos vendidos. Assumiu sozinha o prejuízo.

A corajosa medida, adotada num período de completa instabilidade no mercado, firmou de maneira categórica a imagem de empresa séria e confiável, que já lhe vinha sendo imputada. Fortificada a confiança do público, a venda dos demais apartamentos prosperou apenas com o reajuste do valor das unidades não comercializadas até então, o que minimizou parte do prejuízo.



## CAPÍTULO 5 A ESCOLINHA DE ARTE

À medida que as obras se intensificavam, a Servenco, que se mudara para outro local da rua México, passando a ocupar três salas do sétimo andar de um edifício – no futuro, chegaria a consumir seis pavimentos do prédio –, abria as portas para novos funcionários.

A presença de estagiários foi incentivada desde o começo. Segundo Clara Steinberg, cabe a quem se propõe a construir preparar futuros construtores. A princípio, as vagas na empresa se dirigiam a estudantes de Engenharia e Arquitetura. Mais tarde, universitários de outras áreas passaram a ser aproveitados.

A presença feminina, tão rara na indústria de construção, mudava de figura na Servenco. A empresa cooptava arquitetas, engenheiras de obras e técnicas em administração. Sempre a trabalhar com a melhor equipe, distinguia seu produto pela qualidade. Não pelo sexo.

Homens talentosos e confiáveis eram bem-vindos também. O engenheiro civil Moysés Lahtermaher chefiou obras como, entre outras, as dos prédios da rua Senador Vergueiro, 44, da Travessa dos Tamoios, 7, e da Marquesa de Santos, 27.

O edifício da rua Marquês de Abrantes, por sinal, serviria de residência para uma das irmãs de Jacob, Áurea Steinberg. Que se casaria com alguém que fazia história na empresa: o notável Abrahão Hirszman, que entrara na companhia em 1957, como estagiário.

Se fora da empresa o cunhado de Jacob era ótimo, dentro se mostrou fantástico. Sabia como poucos lidar com as pessoas. Resolvia conflitos com elegância, não se apavorava com nada. Sua competência era um deslumbre. Sério mas bem-humorado, tornou-se o diretor técnico da companhia. Mais até. Virou a voz da empresa depois dos donos. Em suma, o braço direito de Jacob e Clara Steinberg. Mesmo e principalmente depois da inevitável separação por que teve de passar, em 1973.

– Quando fui pedir demissão, o Jacob e a Clara me perguntaram se eu estava querendo ir embora porque não estava satisfeito com o trabalho – lembra Hirszman. – Respondi que não, que adorava aquilo, que era só por causa do fim do casamento, para evitar um possível mal-estar. Eles disseram “uma coisa não tem nada a ver com a outra”. Nunca me esqueci disso. Aquela atitude me marcou para o resto da vida. Foi mais uma prova de que os dois são muito especiais.

Não é fácil marido e mulher trabalharem juntos. Clara e Jacob conseguiram por se dar bem. Raramente brigavam, e quando havia discussões, davam-se por motivos profissionais. Sempre resolviam, não levavam contratempos para casa. No lar, preferiam brincar com Ronaldo e Rogerio.

Quando jovem, Ronaldo precisou se submeter a um teste especial para fazer um curso de verão no exterior. Nele descobriu-se que seu QI – Quociente de Inteligência – era privilegiado. Por isso não precisava estudar tanto para tirar boas notas. Rogerio sim. Esforçava-se no colégio porque sua praia era outra. Desenhava bem, era bom caricaturista, sabia pintar, apreciava boa música. Não fazia ideia ainda, mas o futuro lhe reservava um mar de glórias no mundo da Publicidade.

As personalidades dos donos da casa se diferiam. Clara era acelerada: parecia estar aqui mas a mente já chegara lá. Ia e voltava em frações de segundo. Tinha a necessidade permanente de estar construindo, destravando, fazendo, inovando. Jacob, não. Relaxava mais. Alegre, bonachão, carinhoso, distribuía a três por dois um sorriso acolhedor. Cativante, extrovertido e brincalhão, era muito afetivo. Clara mostrava-se mais lógica, metódica.

Para Clara, ter filhos é uma das grandes responsabilidades da mulher. Ela procurou dar toda a atenção ao desenvolvimento dos seus. Depois do período em que os meninos estudaram no Recanto Infantil, em Botafogo, colocou-os no Eliezer Steinberg, escola israelita da Rua das Laranjeiras, 405, onde cursaram todo o primário. Entrou com o marido, inclusive, no conselho de pais.

E liderou uma comissão de mães. A fim de se aproximar mais do processo educacional dos rebentos, inovou. Decidiu criar uma escolinha de arte. As aulas seriam ministradas aos sábados, já que trabalhava forte de segunda a sexta. Na prática, isso significava abrir mão do fim de semana completo em Teresópolis, com o marido e os filhos, pela causa nobre.

A ideia foi aceita na hora pelas outras mães. Clara, então, concebeu e coordenou gratuitamente a Escolinha de Arte do Eliezer Steinberg. Com o auxílio da pedagoga Anita Lacs, elaborou atividades que possibilitaram às crianças desenvolver habilidades variadas. Os meninos aprendiam se divertindo. As crianças esperavam a semana inteira por aquelas manhãs de sábado. Era mais um dia para terem contato entre si, sim, mas de forma diferente, numa atividade completamente livre. A experiência, para lá de informal, extrapolava por completo os parâmetros da escola tradicional.

– Aquele trabalho me enriqueceu muito – exprime Clara. – Fiz com sacrifício mas aprendi bastante. No futuro, transferi o conhecimento que ganhei para outras atividades.

Professores ou alunos, pessoas especiais passaram pela Escolinha de Arte. Diplomada em canto e piano pelo Conservatório Brasileiro de Música, Cecília Conde dava aulas para alunos talentosos, como Jacques Morelembaum. Secretário estadual do Ambiente em 2011, na época Carlos Minc transcrevia suas ideias e convicções para o jornal O Pioneiro, iniciativa da jornalista Rosa Cass.

Com outras atividades artísticas e recreativas, como artes plásticas, teatro, esportes e carpintaria, a Escolinha durou 13 anos, de 1955 a 1968. Pode-se afirmar que aquele passo precursor dado pelas mães fez o Eliezer Steinberg mudar de dimensão em relação às instituições tradicionais de ensino.

## CAPÍTULO 6 O SERVIÇO DE RECURSOS HUMANOS

Devido aos acentuados problemas políticos e econômicos, os anos 50 e 60 exigiam lideranças empresariais cada vez mais qualificadas. Mesmo sendo dotada de inteligência incomum, Clara Steinberg sentiu a necessidade de ampliar seus conhecimentos na área da Administração. Encorajada pelo marido, fez vários cursos de extensão. Fosse pouco o fato de ter se formado em duas faculdades – Engenharia Civil e Engenharia Química – voltou às aulas para se pós-graduar em Engenharia Econômica, em 1963.

Tornava-se, ainda jovem, uma sumidade. Admitida como sócia do Clube de Engenharia do Rio, Clara se tornou diretora da instituição por oito anos e conselheira por mais 20. Por duas vezes presidiu a ABEA, a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas.

Sua determinação e a de Jacob os fizeram progredir, ascender. Em 1962, quando o presidente João Goulart sancionou a lei do 13º salário, o ano foi de crise. Além da disparada da inflação, o custo das obras se elevou. Ainda assim, a Servenco lançou, em 1963, uma grande incorporação à rua Senador Vergueiro, 218. Feito viável graças à ousadia de Jacob Steinberg, que vendeu os apartamentos atualizando o valor das prestações de acordo com os reajustes do salário mínimo. Os clientes aceitaram de bom grado a medida.

Com o Golpe Militar no ano seguinte, tão cruel quanto a negação de vários direitos humanos foi a inflação recorde. Estratégias tomadas anteriormente pela Servenco, como antecipar compras de material, controlar custos e corrigir o saldo devedor de acordo com o salário mínimo, não se adequavam mais à nova conjuntura. Era preciso amplificar a criatividade.

Engenhosa, a Servenco financiou parcelas reajustadas com base nos índices do custo de vida calculados pela Fundação Getúlio Vargas. Sem saber, antecipava mecanismos criados tempos depois pelo Sistema Financeiro de Habitação. Desta maneira, conseguiu preservar seu ritmo operacional. Na ocasião, ao longo da cidade inúmeras obras paravam por falta de recursos. Nenhuma da Servenco.

Em termos comerciais, fazia-se presente o conceito da segurança. Procurando agir com cautela em qualquer investimento, fosse para ela ou para terceiros, a Servenco, apesar da crise, expandiu-se. Em 1º de outubro de 1963, tornou-se S/A.

O aumento do número de obras requeria o crescimento do quadro funcional, especialmente nas áreas de Arquitetura e Engenharia. No momento propício, a Servenco investiu na contratação do talentoso Fernando Abreu para dirigir o Departamento de Arquitetura.

O corpo técnico dirigido na Arquitetura por Fernando Abreu e conduzido na Engenharia por Abrahão Hirszman foi ao mesmo tempo escola e laboratório de interação de alto nível. Ambos os setores germinaram embriões de obras marcantes. Inúmeros prédios residenciais e comerciais foram solucionados com alta qualidade de acabamento.

A Engenharia era comandada pelo perspicaz Abrahão, um dos responsáveis pela aprovação dos planos. Já o Departamento de Arquitetura – algo que poucas construtoras tinham e, na opinião de Clara, era um dos segredos do sucesso da Servenco – ganhou com Fernando Abreu normas e rotinas de trabalho que conferiram maior agilidade e eficiência aos projetos.

No novo padrão, detalhes estruturais ou de esquadrias que, utilizados em determinada oportunidade, apresentassem bons resultados, eram automaticamente incorporados ao patrimônio técnico do departamento. Como consequência, as obras passaram a ser entregues com mais qualidade e em maior velocidade.

É verdade que de nada adiantaria todo esse desvelo se não houvesse a criteriosa escolha dos terrenos e uma perfeita integração entre Engenharia, Arquitetura e Vendas.

Sendo profissional ao extremo, a Servenco criou um controle de qualidade que nenhuma outra construtora apresentava.

Um novo passo, e crucial, foi dado pela Servenco em 1966. Com a contratação do advogado José Scheinkman, novidades seriam introduzidas no recém-criado Departamento Jurídico. Como o uso de escrituras padronizadas, algo que agilizou bastante o processo de vendas. Dois anos mais tarde, o estudante de Direito Ronaldo Steinberg, na função de estagiário, tomava parte do corpo da empresa.

Aos poucos, os departamentos da firma se reorganizaram. A Engenharia subdividiu-se em Planejamento e Controle de Obras, Compras e Construção. Já o setor de Vendas adequou-se para, entre outras ações, atuar em parceria com o Sistema Financeiro de Habitação.

As transformações demandavam cada vez mais gente na firma. Porém, nem todos chegavam com o mesmo espírito dos veteranos da casa. Alguns não “vestiam a camisa”. Sagaz, Clara Steinberg resolveu criar uma subdivisão para o Departamento Pessoal. Fez nascer a Seção de Recursos Humanos da Servenco.

Fazendo as entrevistas de admissão e selecionando a dedo estagiários, o SRH ajudou de maneira significativa a Engenharia da firma. Quando o departamento precisava de profissionais, havia sempre dois ou três bons estagiários se formando. A companhia podia dar-se ao luxo de escolher, optar pelo melhor.

A ascensão profissional dos estagiários dava mostras do investimento que a empresa fazia em seu quadro funcional. Clara Steinberg estimulava a capacitação de todos. Parecia boazinha mas não era. Via adiante. Sabia que o aprimoramento dos funcionários atualizaria e dinamizaria a companhia.

Até hoje, para quem ainda está no mercado, ter sido da Servenco é como um *pedigree*. A empresa entregava o produto melhor do que prometia e sem atraso. Pagava em dia e ainda premiava por conclusão de obras.

## CAPÍTULO 7 O CLUBE DA AERONÁUTICA

Interessada em se diversificar, no começo dos anos 70 a Servenco investiu bons cruzeiros novos na aquisição de terrenos próximos ao Centro da cidade. O objetivo era construir muitos apartamentos pequenos, todos financiados pelo SFH, facilitando a compra por parte de quem tinha menor poder aquisitivo.

A Servenco não gostava de apanhar dinheiro emprestado. Ao final das obras, liquidava imediatamente o financiamento. Parcerias com a COPEG e com a Caixa Econômica Federal renderam edifícios nas ruas Cândido Mendes, Benjamin Constant e São Salvador, entre outras. Porém, o grande salto da firma foi a execução do Edifício Clube da Aeronáutica, na esquina da rua Santa Luzia com a avenida Calógeras. Um marco da engenharia carioca.

Competindo com as maiores empresas do ramo, a Servenco venceu uma licitação bastante disputada. A proposta de construção do Edifício Clube da Aeronáutica em formato circular representou uma ousadia e tanto no mercado. Segundo os mentores da ideia, os arquitetos Fernando Abreu e Max Gruzman, só a estrutura em círculo garantiria o melhor aproveitamento do terreno de 1.300 metros quadrados. Ofereceria ampla visibilidade de qualquer uma das milhares de janelas e, de quebra, conjugaria a forma, nobre, com a necessidade de abrigar instalações para o Clube, apartamentos para oficiais, pavimentos comerciais e garagens.

Concorrência vencida, a Servenco assinou contrato para construir algo que alteraria para sempre a paisagem urbana do Centro. Pela sua importância e pelas dificuldades técnicas apresentadas, a obra seria determinante no processo de crescimento da empresa.

O audacioso projeto chegou a seu ápice durante a armação e o erguimento das fôrmas deslizantes, um dos métodos de construção mais avançados da época. Durante três anos e 11 meses, o prédio foi erguido de 20 metros abaixo do nível do mar a 140 metros de altura do solo.

Visualizar o sistema de fôrmas deslizantes provocou grande histeria nos transeuntes, que acompanhavam das ruas o crescimento diário do edifício. Para se ter ideia, foram alçados 43 pavimentos em 58 dias.

Cada material empregado ou serviço executado no Edifício Clube da Aeronáutica era da melhor qualidade e obedeceu às técnicas mais avançadas. Para enfrentar tal desafio tecnológico, os engenheiros da Servenco mostraram raro empenho e entusiasmo. Ao entregar o edifício, em novembro de 1975, o gigantesco prédio, o mais alto do Rio de Janeiro na época, aliava técnica a perseverança.

Além da imponência da edificação, a cobertura do edifício ostentava um heliponto. No penúltimo andar, um ousado restaurante giratório de alto nível, chamado La Tour, despertava a curiosidade dos cariocas. Único da América do Sul com sistema rotatório, possibilitava a seus clientes darem uma volta completa em uma hora, sem desconforto.

No auge do “milagre econômico”, quando o crescimento do PIB ultrapassava a marca de 14%, os números do Edifício Clube da Aeronáutica davam a justa dimensão da grandeza da obra. Na área total construída, foram utilizados 140 mil sacos de cimento; 3 milhões de watts de capacidade total de energia elétrica; 13 mil metros cúbicos de areia; 11.500 metros cúbicos de pedra britada; 1.900 toneladas de vergalhões estruturais; 1.724 toneladas de capacidade de refrigeração; 14 mil metros de tubos para instalações hidráulicas; 957 registros; 620 mil tijolos; 53 mil homens/hora no serviço de fundações; 49 estacas metálicas e 1,274 milhão de litros de água, distribuídos em 8 reservatórios.

A capacidade técnica da Servenco para bem realizar uma obra dessa envergadura comprovou o valor e a competência de seus funcionários. Que mereciam ser tratados com dignidade. Consciente disso, Clara Steinberg, que sempre se destacou pela responsabilidade

social – quando o termo sequer era difundido – fez com que o SRH, a Seção de Recursos Humanos da Servenco, voltasse as atenções também para os operários.

A aplicação da Psicologia na firma começara pelos escritórios, na tarefa de selecionar funcionários e estagiários. Estimulava-se o crescimento. Favorecidos por bolsa de estudos, boys e secretárias, por exemplo, encontravam espaço para evoluir na companhia. Adotavam, às vezes, outras profissões. Tornavam-se contadores, analistas de sistemas ou até mesmo advogados.

Clara Steinberg estendeu a experiência às obras, despejando seus benefícios de forma direta nos operários. Preocupou-se da alfabetização à realização de festas juninas nos canteiros. Os humildes trabalhadores passaram a contar com a orientação de assistentes sociais, tinham pronto atendimento à saúde, alimentação supervisionada e tratamento dentário. A filosofia da Servenco, sem dúvida, ajudava a melhorar a relação patrão-empregado.

Cursos de treinamento e leitura de planta, aulas de técnica de construção, serviço de assistência individual, festas de Natal, enfim, inúmeras eram as ações desenvolvidas nos canteiros de obras da Servenco, sempre com a participação de engenheiros e arquitetos da firma. Promoviam-se eventos e encontros que buscavam a melhor adaptação do operário e uma relação mais saudável entre empregador e empregado.

Quando o Sindicato da Indústria da Construção Civil, o Sinduscon, instituiu o Prêmio Cruz Verde, que condecorava anualmente as empresas que mais reduziam seus índices de acidentes de trabalho, a Servenco saiu-se vitoriosa nos primeiros 10 anos. A frequência das ocorrências, que em 1974 era de 74,8%, baixou para 3,03% em 1989. Desprovido de egoísmo, quando Jacob Steinberg se tornou presidente do Sinduscon, difundiu toda essa experiência no mercado. Inclusive, fundando o Serviço Social da Indústria da Construção do Rio de Janeiro (Seconci).

## CAPÍTULO 8 RECREAÇÃO EM PLAYGROUNDS

Em 1970, aflita com o cerceamento, nas metrópoles, das crianças num espaço cada vez mais restrito, Clara Steinberg aproveitou a legislação vigente, que previa a inclusão de playgrounds em edifícios residenciais, para realizar importante inovação. A intenção era melhorar a convivência das pessoas em seus condomínios. Acionado o Departamento de Arquitetura, a Servenco criou um Departamento de Recreação, contratando profissionais especializados em playgrounds.

Nos prédios da Servenco, os “plays” eram instalados num espaço sempre maior do que o exigido por lei. Ganhavam brinquedos criativos, salas para atividades de artes ou ginástica, quadras polivalentes, piscinas, praças, teatros de arena. A empresa ainda incluía em seus projetos a integração de áreas verdes. Assim, os playgrounds recebiam jardins que modulavam, dividiam, integravam seus diversos ambientes.

Logo, verificou-se a necessidade de ir mais além. Para ajudar os moradores a utilizar de melhor forma estes espaços, Clara deu à luz o programa “Recreação em Condomínios”. Pioneiro, o projeto, inicialmente apoiado por uma equipe interdisciplinar de professores especializados em iniciação esportiva e em artes, seria aperfeiçoado com o tempo. A ponto de se transformar num dos maiores sucessos de público e crítica da Servenco em toda a sua trajetória.

Ao idealizar o “Recreação em Condomínios”, Clara foi movida por dois fatores. Suas memórias quanto à infância no Méier, quando brincava livremente nas ruas e praças; e a experiência entusiasmante vivenciada no Eliezer Steinbarg, escola primária de seus filhos, onde instituiu, junto a outras mães, variadas atividades recreativas.

Clara visava juntar recreação e aprendizagem num único espaço. Seu sonho começou a se materializar no projeto-piloto desenvolvido no prédio da rua Mascarenhas de Moraes, 132. Pouco a pouco, o plano se desenvolveu. Quando a professora Anita Lacs e a psicóloga Riva Bauzer se juntaram, o projeto cresceu mais. As construções da Servenco passaram a ser entregues com programas de recreação já montados para os playgrounds. Tais atividades eram planejadas de acordo com as necessidades e os desejos de cada condomínio, levando em consideração os horários disponíveis. De forma consciente, transformavam paulatinamente o espaço da recreação em um ponto de encontro, um núcleo de convívio e relacionamento entre os moradores.

O programa foi amplamente divulgado. A ponto de edifício com playground ser incorporado à arquitetura de prédios do Brasil. O sucesso da experiência levou Clara a apresentar o projeto em diversos congressos internacionais.

O reconhecimento ao trabalho desenvolvido extrapolou fronteiras. Em 1976, Clara recebeu convite para participar da *World Leisure Recreation Association*, tendo posteriormente integrado o Conselho de Educação da entidade. Mais tarde, foi eleita membro do Conselho Diretor da instituição.

Além da recreação nos playgrounds, a Servenco pensava seus prédios tomando cuidado em relação ao verde. Ao ocupar espaços para criar as unidades residenciais necessárias às grandes cidades, a construção civil reduzia cada vez mais o número de quintais e jardins existentes. Só que avanço do concreto não necessariamente significa fim do verde. A Servenco entendeu que bastava deslocar seu espaço, conservando-o no mesmo terreno. O verde deixou de ser mero acréscimo nos prédios para se tornar parte do todo.

Uma reorganização na área administrativa introduziu, ainda na década de 70, a Informática na Servenco. Precursora na área imobiliária, a empresa foi a primeira construtora a informatizar sua administração, acolhendo técnicos em perfuração e os “modernos” equipamentos da época.

O decurso de informatização da Servenco se estendeu à Engenharia, possibilitando maior eficácia e rapidez nos cálculos de orçamentos, na fiscalização de custos e nas compras de material. Com isso, pôde ser implementado um mecanismo que assegurou aos operários ganhos adicionais por produtividade. Estimulados, os trabalhadores rendiam mais.

Ao longo dos anos 70, a desenfreada expansão da firma gerou 80 novos prédios para a cidade. Mas a Servenco não crescia apenas externamente. O grupo aumentava e, conseqüentemente, diversificava suas atividades empresariais.

Em 1973, adquiriu a MG-500, corretora de imóveis. Em junho de 1974, fundou a Sincorpa (Sociedade de Incorporação e Participação LTDA), que planejava e executava empreendimentos imobiliários. Entre maio e junho de 1975, fez nascer duas incorporadoras – a Camp Administração e Participação S/A e a Sogisa (Sociedade Geral de Investimentos Imobiliários S/A) – além da Servempla (Sociedade de Empreendimentos Imobiliários e Participação S/A), que planeava e realizava empreendimentos comerciais. Em fevereiro de 1976, surgiu a Comercial Marítima S/A, destinada a empreendimentos imobiliários e incorporação de imóveis. E em julho de 1979, encerrou a década instituindo a SASS, locadora de unidades imobiliárias e apart-hotéis.

Porém, nenhuma empresa seria tão importante, reconhecida e premiada como a Publicidade Estrutural. O que a princípio seria apenas uma *house agency* da Servenco acabou crescendo de maneira avassaladora. Para elevar o criativo Rogerio Steinberg à posição de um dos maiores gênios da publicidade brasileira em todos os tempos.



## CAPÍTULO 9 O RIO FLAT SERVICE

Não se pode banalizar o esforço individual e coletivo de milhares de brasileiras que, num tempo no qual as mulheres não tinham vez nem voz na sociedade, inconformadas com a sua condição, rebelaram-se contra a situação estabelecida e lutaram pela transformação das regras impostas ao feminino. Em um contexto de opressão, mas tomadas de coragem, enfrentaram o *status quo* e venceram. Clara Steinberg é uma delas. Contribuiu como pôde para a transformação social, doando-se à luta contra o preconceito e a discriminação das mulheres no mercado de trabalho.

Reconhecida dentro e fora de sua pátria natal, Clara participou ativamente de entidades relacionadas com o desenvolvimento da mulher e viajou o mundo para expor suas ideias. Ainda tomou parte de diversas associações profissionais e culturais. Entre 1971 e 1973, tornou-se membro da diretoria do Departamento Feminino do Clube de Engenharia do Rio. Extravasou seus pontos de vista no Enea, o Encontro Nacional de Engenheiras e Arquitetas, em 1972. Entre 1973 e 1979, presidiu a ABEA, a Associação Brasileira de Engenheiras e Arquitetas.

Em 1975, fez o *Advanced Management Program*, no *European Institute of Business Administration*, em Fontainebleau, na França, no qual era a única mulher dentre os 100 participantes, oriundos de 22 países diferentes. Em 1979, entrou para a Associação Comercial do Rio de Janeiro. Nesta instituição, por sinal, ocuparia a partir do ano seguinte várias posições de destaque.

Realmente, a engenheira Clara não devia nada a engenheiro algum. Ainda era casada com um homem que igualmente se destacava no ramo.

Presidente de todas as empresas do grupo Servenco, Jacob Steinberg presidiria o Sindicato da Indústria da Construção Civil do Rio (Sinduscon). Vice-presidente da Câmara Brasileira da Indústria da Construção, e várias vezes da Federação das Indústrias do Rio (Firjan), é membro titular da Academia Nacional de Engenharia e também do *Board of Governors* da Universidade de Tel Aviv, em Israel.

Jacob dirigiu a regional e depois se tornou membro do conselho consultivo da FIABCI, a Federação Internacional das Profissões Imobiliárias, além de servir como conselheiro tanto da regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) como do Serviço Social da Indústria (Sesi). Contudo, um de seus principais legados foi ter ajudado a criar a Associação de Dirigentes das Empresas do Mercado Imobiliário. Uma das mais importantes entidades de classe da cidade, a Ademi reúne dirigentes das maiores empresas do mercado de imóveis do Rio. Jacob Steinberg fundou a Ademi e a presidiu entre 1992 e 1993.

A meta e filosofia da Servenco era participar de forma ativa na sociedade que fisicamente ajudava a erguer. Os desafios que lhe eram colocados advinham das necessidades urbanas, mas dentro de modernas concepções empresariais a integrada equipe de planejamento arquitetônico e Engenharia dava sempre conta do recado. Surpreendia a cada obra. E superou-se, mais uma vez, ao levantar um novo monumento carioca. O Rio Flat Service, no Leblon.

– O Rio Flat foi construído há quase 40 anos e até hoje não há em Ipanema ou no Leblon prédio maior do que ele – orgulha-se Jacob Steinberg.

Ao adquirir vários imóveis no Leblon, a Servenco formou um grande terreno que se estendia da rua Almirante Guinle com a Ataulfo de Paiva até quase a avenida Afrânio de Melo Franco. Decidida a inovar, resolveu não apenas dar tratamento ao terreno, construindo a torre decagonal concebida por Clara Steinberg e Fernando Abreu – torre esta que conta com uma das vistas mais bonitas do Rio: Ipanema, o mar e as montanhas do

Leblon, a Lagoa e a mata da Gávea – mas, sim, fazer dessa torre o primeiro apart-hotel da cidade.

E administrá-lo. Em setembro de 1975, a Servenco instituiu a Rio Flat Service Administradora, dando início a uma estrutura que geriria de modo profissional apart-hotéis. A nova empresa passou também a superintender a administração de condomínios e a trabalhar com locação de imóveis. A Servenco entrava na área hoteleira com força.

Apenas no segundo semestre de 1979, o Rio Flat Service, primeiro apart-hotel do Rio de Janeiro, começou a operar. A torre de 30 andares, que por conta de sua beleza arquitetônica já chama a atenção, ofertava 258 apartamentos em um dos mais nobres bairros da Cidade Maravilhosa.

Satisfeita com os resultados do Rio Flat, a Servenco expandiu a experiência. Aumentou sua participação na área hoteleira ao lançar em Copacabana o Atlântico Flat Service, na rua Santa Clara, 15; o Leblon Flat Service, na rua Antônio Maria Teixeira, 33 – ambos em 1985; e o American Flat Service, na rua Humaitá, 244.

Nos anos 70, o Departamento de Arquitetura da Servenco tornou-se um dos grandes escritórios de Arquitetura do Rio de Janeiro. No final da década, a antiga sede náutica do Clube de Regatas do Flamengo deu lugar a uma nova obra da Servenco. Transformou-se num prédio moderno, o Flamengo Park Towers.

Por sinal, naquele bairro, assim como em Botafogo e no Catete, concentravam-se grande parte das obras da Servenco. Maior incorporadora de imóveis da história do Flamengo, entre 1953 e o final do século 20 a Servenco construiu mais de 50 prédios no bairro. A presença da construtora era especialmente marcante em certas ruas. A Paissandu, por exemplo, chegou a ser chamada pelos moradores de “Rua Servenco”, numa ocasião em que havia por ali oito obras da construtora em andamento.

## CAPÍTULO 10

### RONALDO STEINBERG

Jacob e Clara Steinberg muito se orgulham por seu filho mais velho, Ronaldo, ter sido desde o começo extremamente eficiente à Servenco, em termos de planejamento imobiliário:

– Ele trabalhou bastante em nossa corretora, a MG-500, e como diretor da Servenco mostrou habilidade tanto no Departamento de Relações Públicas como na estruturação dos setores de custos e de vendas – conta Jacob.

Com Ronaldo bem encaminhado na empresa, Jacob e Clara voltaram mais as atenções para o despertar profissional do caçula Rogerio Steinberg.

Quando criança, Rogerio deixara marcas expressivas de seu potencial criativo na Escolinha de Arte dirigida por sua mãe, na escola Eliezer Steinberg. Anos depois, após ter concluído o científico no Colégio Pedro II e se preparar no Colégio Brasil América para o exame vestibular, por ser muito ligado aos pais, tentou seguir-lhes os passos. Timidamente pensou em cursar Desenho Industrial, mas escolheu Arquitetura. Forçando a barra, suportou apenas dois períodos. Trancou matrícula para buscar outras experiências.

Como artista plástico, por certo tempo dedicou-se à pintura. Extravasando sua ânsia inventiva, passou a projetar estandes de vendas para a Servenco. Ao participar do Salão de Verão, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, apresentou um ousado elevador espelhado que emitia sons inesperados e permitia ao público assistir a sua própria reação.

Após a breve incursão pelo mundo das Artes – no qual chegou a participar, como ator, de um filme nacional – Rogerio Steinberg descobriria sua verdadeira vocação no universo da publicidade.

Em 1972, enquanto Rogerio entrava na Norton Publicidade, na função de redator estagiário, seu irmão Ronaldo tornava-se chefe de família. Aos 22 anos, em 23 de julho de 1972, casou-se com Betty Gutman em cerimônia realizada no Iate Clube. Resoluta, inteligente e decidida, Betinha trabalhou por cinco anos na Servenco e no Rio Flat Service, sempre com desenvoltura.

Em janeiro de 1978 nasceu Karen Steinberg, a primeira filha do casal – primeira neta de Clara e Jacob. Deborah Steinberg, a segunda, é de abril de 1979. Rafael Steinberg veio ao mundo em março de 1981.

Presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do RJ, o Sinduscon, desde maio de 1980, Jacob Steinberg se preocupava com a situação de algumas empresas do setor, que se encontravam abaladas, devido a endividamentos.

Face à grave crise imobiliária que se desenrolava no Rio de Janeiro, com as obras rareando e a iminência de grandes dificuldades econômicas a assolar o país, o grupo Servenco transformou o momento difícil em estímulo para tomar grandes decisões. Resolveu expandir-se para fora do Brasil.

A primeira experiência aconteceu na capital inglesa. Implantaram a Servenco London em 26 de janeiro de 1981, na Dover Street, com o intuito de administrar e participar de negócios no exterior. Contudo, o principal sucesso internacional da companhia deu-se em Nova York.

A Servenco Enterprises USA, braço norte-americano da empresa carioca, foi criada em 1983. O escritório, lotado no número 546 da notória 5th Avenue e sob o comando de Ronaldo Steinberg, planejava e administrava imóveis nos Estados Unidos.

Satisfeita com os resultados da empresa norte-americana, a Servenco fundou em Portugal, no dia 16 de janeiro de 1989, a Imolvenco Sociedade imobiliária. A subsidiária, no entanto, levantou apenas um prédio, em Lisboa.

No começo, a ideia de Ronaldo e Betty, que fincaram residência em Nova York, era fazer uma experiência: morar fora por três anos, prazo máximo que o consulado permitia. Sabiam que faria bem ao núcleo familiar residir em um país estrangeiro, aprender outra língua e uma cultura diferente. Com aplicação de capitais, porém, Ronaldo acabaria se realizando profissionalmente. Mas não se desligou da Servenco. Até hoje vem ao Brasil com regularidade, para exercer importante participação na gestão patrimonial da empresa.

## CAPÍTULO 11

### ROGERIO STEINBERG

Se Ronaldo já se encontrara, Rogerio Steinberg ainda buscava seu caminho. Para ajudá-lo, cruzou sua história Armando Strozenberg.

Em 1974, Armando ocupava um dos cargos mais importantes do Jornal do Brasil, só abaixo do editor-chefe e do chefe de redação. Extremamente assediado, certa vez recebeu ligação de Jacob Steinberg, que o chamou para uma conversa reservada em seu escritório. O assunto do papo girou em torno de Rogerio, que aprendera a gostar de publicidade mas conciliava o estágio na Norton com a prática de pintar. Jacob acreditava que Armando poderia servir como bússola para seu filho, direcioná-lo.

O namoro avançou e, em 19 de março de 1975, a Propaganda Estrutural foi constituída por Armando e Rogerio. A agência rapidamente se projetou, com um brilho de certa forma inesperado no mundo da Publicidade, tendo forte participação no sucesso da Servenco ao longo dos anos 70 e 80.

Na verdade, a Estrutural ajudou mais do que se imaginava. Não se tratava apenas de gastar dinheiro em propaganda: a Servenco precisava de uma publicidade adequada para vender seu produto e agência entregava-lhe isso. Muitas empresas, apesar dos rios de dinheiro despendidos em campanhas promocionais, acumulavam insucessos, pouco vendiam. A Servenco, ao contrário, valia-se do talento de Rogerio para criar campanhas maravilhosas, algumas das quais inesquecíveis, por meio de verbas até certo ponto modestas.

Pode-se afirmar que as campanhas criadas por Rogerio revolucionaram a propaganda do setor imobiliário. Ao longo de 12 anos, a Estrutural se tornou a mais famosa agência de propaganda carioca e ele, um dos mais competentes profissionais do mercado.

Com os dois filhos prestando bons serviços para o grupo, o que mais Clara e Jacob Steinberg poderiam desejar?

– Eu me arrisco a dizer que nossa empresa não seria o que é hoje, se não tivéssemos contado com os dois, Rogerio e Ronaldo, durante o período mais dinâmico da Servenco, que foi a fase do *boom* imobiliário do Rio de Janeiro – afirma Jacob.

Se para os pais a agência fez bem, para Rogerio fez mais ainda. Além de desabrochar seu talento para o reconhecimento nacional, o caçula da família passou a interagir com pessoas incríveis. Entre as quais, Marina Colasanti.

Rogerio era dono da agência, como Armando, mas o papel de cada um era bem definido. Rogerio agia com o que mais gostava, atuava como diretor de criação. Armando era o executivo e Marina fazia dupla de criação com Rogerio.

No começo, sem sede, as primeiras reuniões da Estrutural se deram na casa de Marina, na de Armando ou na cobertura de Rogerio, em Botafogo. Com os negócios a prosperar, alugaram um andar inteiro num prédio da MG-500, em Ipanema. A partir de então, deu-se o desenfreado desenvolvimento da empresa.

Criado no meio imobiliário, Rogerio era agência e cliente ao mesmo tempo. Começava a pensar a campanha muito antes da equipe. Às vezes, quando a família ainda nem tinha comprado o terreno. Chegava ao anúncio muito antes da agência, convivía com o produto, sabia de antemão o que fazer. Fosse pouco, vendia como ninguém suas ideias. As pessoas em geral cediam, reconhecendo no fim que ele estava certo. Até porque as campanhas se tornavam um sucesso. Da mesma forma que inventara, tempos antes, uma nova forma de vender imóveis, colocando estandes com mulheres bonitas de shorts a distribuir folhetos, Rogerio desta vez inovava ao injetar doses homeopáticas de humor na publicidade imobiliária.

A um produto antes tratado com sisudez, como era o setor de imóveis na ocasião, Rogério acrescentava graça, criatividade e preciso senso de oportunidade. Seus anúncios eram comentados com admiração.

Perfeccionista e exigente, algumas das publicidades que criou são verdadeiras obras-primas. Rogério não anunciava o produto pelo produto, vinha sempre com um gancho e, normalmente, com humor fino. Criava uma boa imagem que levava o mercado a querer conhecer o imóvel.

Casado com a jovem morena Lídia da Costa e Silva desde 6 de janeiro de 1977, Rogério honrava uma placa, presenteada por sua tia Áurea, que adornava sua cabeceira. Nela, apenas duas palavras: “Gênio meditando”.

Rogério envolvia-se diretamente em todo o processo de criação e de realização das campanhas. Acompanhava as filmagens, fazia ele próprio a locução quando achava a melhor solução, mexia, ajeitava, alterava. Quando não tinha verba suficiente, ainda assim gerava um estardalhaço publicitário. Era mestre nos pequenos anúncios.

Criatividade, inteligência, senso de oportunidade. Aos 29 anos, em 1981, Rogério Steinberg ganhou o cobiçado Prêmio Colunistas de Publicitário do Ano, promovido pela Associação Brasileira de Propaganda. Nunca antes um profissional fora eleito tão jovem. No ano seguinte, a Estrutural foi escolhida a agência do ano. Em 1983, levou o prêmio de destaque do ano.

Porém, esta honraria Rogério não comemorou muito. Fazia pouco, sua parceria com Armando Strozenberg chegara ao fim. Sem a segurança do ex-jornalista por perto, chegava a hora de voar sozinho.

## CAPÍTULO 12

### O RIO DESIGN CENTER

Extremamente habilidoso no contato com as pessoas, Jacob Steinberg agrada à primeira vista. Nasceu com o dom de cativar. Bem-humorado, quase nada afeta seu estado de espírito. A não ser, claro, o imponderável.

Em 1º de novembro de 1972, aos 72 anos, seu pai Leão Steinberg faleceu. Sua morte distribuiu saudades. A esposa dele, Clara, como não poderia ser diferente, foi quem mais sentiu a partida. Sem o amado, em 10 de outubro de 1973 – ou seja, pouco menos de um ano depois – faleceu também, vítima de complicações estomacais, igualmente aos 72 anos.

Apesar das duas tristezas, a década de 70 foi de alegria para a Servenco. O crescimento da firma era constante. Em 1978, o grupo contabilizava 825 mil metros quadrados construídos e outros 220 mil em andamento, além de um conjunto de 11 empresas que atuavam em todos os seguimentos do ramo imobiliário. Em permanente ascensão, a construtora já se situava entre as que mais se desenvolveram economicamente na história da construção civil brasileira.

Enquanto o grupo construía, a Estrutural não parava de criar. Para Rogerio Steinberg, a pior crise era a crise da criatividade. Quando e onde estivesse, fosse no carro ou em fins de semana, não ligava o off: estava sempre a buscar novas ideias. Vivia a Publicidade, sua mais completa paixão, em tempo integral.

Passara a se cercar de grandes profissionais ou de promessas, dentro e fora da agência. Entre vários nomes acima do bem e do mal, chamou Affonso Romano de Sant'Anna para desenvolver trabalhos voltados para a poesia.

Em 1981, Rogerio deixou os espectadores de queixo caído com o lançamento de um shopping erguido em um ponto longínquo, a Avenida das Américas, na Barra da Tijuca, local com poucos acessos das zonas sul e norte. Transformando o fato em grande acontecimento, veiculou um comercial extenso, de três minutos de duração.

Em cadeia regional de rádio e TV, às 20h de uma certa sexta-feira, a campanha BarraShopping/ShoppingShow, comandada por uma superprodução estrelada pelas Frenéticas, apresentou a mesma linguagem dos musicais do programa Fantástico, da TV Globo.

Segundo Marina Colasanti, sempre que alguma concepção de Rogerio não era aceita, o que era raro, o publicitário a guardava na gaveta para ressuscitá-la noutra ocasião:

– Nesse sentido, agia igualzinho à mãe, teve a quem puxar. Pois quando a Clara cismou de fazer um centro comercial só para a casa, o pessoal da Servenco a princípio rejeitou a ideia, achou que era furada. Mas ela brigou tanto que fez e deu certo.

Marina se refere ao Rio Design Center. Outra inovação. Depois dos apart-hotéis, a Servenco entrava com força total no segmento de shopping centers.

Movido pela crise, os empresários partiam para outras atividades. Direcionavam-se a investimentos mais seguros ou mais rentáveis. Ninguém queria ficar de braços cruzados, esperando a situação do país melhorar. Diversificação era a palavra de ordem, em meados de 1983.

Depois de investir em apart-hotéis, a Servenco decidiu ousar em nova área. Aproveitando o bloco base do magnífico Rio Flat Service, em vez de arquitetar uma galeria comercial convencional, optou por construir o primeiro shopping temático da América Latina.

Fruto de um sonho de Clara, moldado a partir de observações de empreendimentos similares na Europa e nos Estados Unidos, o Rio Design Center foi inaugurado em 1º de

dezembro de 1983. Inteiramente voltado à decoração e ao design, trazia uma nova abertura para a área empresarial.

Dois fatores determinaram o surgimento do RDC. Os estudos de mercado e a sensibilidade da direção da Servenco, que percebeu a necessidade de centralizar num só ponto todos os elementos necessários para a decoração de um lar. A proposta foi desde o início ambiciosa e voltada para a comunidade. Ao contrário dos shoppings temáticos norte-americanos, o Rio Design Center não se limitou a receber profissionais especializados, mas se abriu para o público em geral.

Desenvolvido em quatro andares, numa área em torno de 10 mil metros quadrados – a qual se agrega um edifício-garagem com 240 vagas – o Rio Design Center foi ambientado pelo artista plástico Carlos Vergara. Desde o início, o espaço congregou às 65 lojas um mix no qual o clássico e o moderno convivem dentro de um conceito de criatividade. “A casa feita num só lugar” otimizava o conceito do espaço-tempo para o consumidor.

A instauração do RDC, em meio ao desânimo e à estagnação generalizada no setor, mostrou ousadia e coragem, até por conta do complicado momento vivido pela economia nacional, atropelada por inflação, dívida externa e falta de financiamentos. O shopping temático contribuiria para o desenvolvimento da Arquitetura de Interiores e, portanto, para a valorização do trabalho de arquitetos e decoradores. Além de incrementar o crescimento comercial da própria indústria do setor de mobiliário e decoração.

Eleito por duas décadas a melhor opção de compras entre decoradores e arquitetos famosos, que buscavam o que havia de mais moderno no mercado, o RDC foi mais do que um shopping obrigatório para profissionais ou para quem quis decorar sua casa. Localizado num dos melhores pontos do Rio, foi adotado pela vizinhança do Leblon, que fez dele extensão de suas casas. Aconchegante e com estilo, reunia o melhor da moda carioca em um ponto de elegância e lazer.



## CAPÍTULO 13

### ENTIDADES DE CLASSE

Já em seu primeiro discurso, ao tomar posse na presidência do Sinduscon, Jacob Steinberg destacou que, por ser o setor que mais absorve mão-de-obra, a indústria da construção civil contribuía de maneira significativa para a geração do Produto Nacional Bruto. Afinal, distribuía 3 milhões de empregos diretos no país. Ou mais de 5 milhões, se considerar os indiretos.

Servindo-se de informações do IBGE, o homem forte da Servenco lembrou que o setor abrigava 9% da população economicamente ativa do país. As demais atividades industriais empregavam 23,3%. O restante cabia aos setores primário e terciário – sendo que no secundário, 28% das ocupações diretas (quase um terço) dependiam da construção civil.

– É ela que emprega esses homens na faixa dos 18 a 25 anos, em sua maioria sem escolaridade nem qualificação profissional, egressos de atividades agrícolas e provenientes, em geral, dos estados nordestinos – explicava Jacob à plateia. – Não é demais concluir que o trabalho nas obras evita um maior índice de criminalidade, que tem como uma de suas fontes o desemprego, sempre nocivo.

Dono de visão otimista, Jacob Steinberg presidiu o Sinduscon de outubro de 1980 a setembro de 1983. Priorizando a participação dos empresários da construção civil na vida da entidade, imprimiu uma dinâmica que permitiu a criação e o funcionamento de onze comissões com mais de 60 construtores e técnicos, que permanentemente analisavam assuntos do setor e subsidiavam as decisões da diretoria.

Também teve destaque em sua administração a regularização da posse da sede, através da incorporação do patrimônio da ex-Associação dos Constructores Civis do Rio de Janeiro. Em primeiro lugar, Jacob recuperou as instalações do local, numa obra complexa, visto que a estrutura do prédio estava bastante comprometida. Em seguida fez o auditório, obedecendo à arquitetura original, e remodelou todas as dependências, para que mais associados pudessem ser recebidos de maneira confortável. Tudo isso, sem descuidar da saúde financeira da entidade, que, ao contrário, teve reforço extraordinário.

A lista das demais realizações da gestão Jacob Steinberg é longa. Ele deu prosseguimento ao bom entrosamento com o sindicato dos trabalhadores, contribuiu para a política salarial do governo e questionou a lei do inquilinato, que, demagógica, afastava o investidor no mercado de locação. Debateu à exaustão a adaptação do Código de Obras ao mercado, para diminuir os custos da construção e beneficiar o comprador da casa própria. Discutiu a fundo desde a carência e os altos custos dos materiais, com destaque para o cimento e os vidros, à questão dos reajustamentos do Sistema Financeiro de Habitação. Sua gestão envolveu ainda a questão das obras públicas, que preocupavam, por conta de falta de pagamentos por trabalhos já executados, o que aumentava o endividamento de alguns construtores, que se viam obrigados a recorrer a empréstimos indesejáveis para poderem sustentar suas atividades.

Ao lado desse senhor empresário estava uma mulher respeitável. Defensora absoluta do trabalho da mulher em todos os setores, Clara Steinberg enxergava como mínima a porcentagem da participação feminina em cargos diretores.

Em 1982, Clara recebeu o título de Cidadã Benemérita da Cidade do Rio de Janeiro. Desde a instituição da Câmara de Vereadores, em 1977, até aquele momento, apenas quatro outras personalidades receberam da Casa tamanha condecoração.

Conselheira do Sinduscon desde 1983, no mesmo ano Clara participou da Conferência de Mulheres Líderes da América Latina, patrocinada pela Federação Internacional de Planificação da Família, na Costa Rica. Esteve ainda no seminário

“Planejamento e Projetos de Espaços para Recreação”, em Cáli, na Colômbia. Em 1984, conferiu a Conferência Internacional de Design, em Aspen, no Colorado.

O ano seguinte foi ainda mais especial para Clara, que se tornou a primeira mulher vice-presidente do Conselho Diretor da Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 150 anos de história. Também assumiu a vice-presidência da Apec, a Associação Promotora de Estudos de Economia. Em 1985, Clara foi eleita uma das 10 mulheres do ano, destacada na área de Engenharia, pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil.

Por essas e outras, não houve surpresa quando Clara Steinberg ajudou a fundar e tornou-se vice-presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Mulher, o Banco da Mulher, em 1984.

Com parcerias de entidades públicas e privadas regionais, nacionais e internacionais, o Banco da Mulher investiu em mulheres empreendedoras, através do apoio a seus pequenos negócios. Ofereceu serviços diretos, eficientes e sustentáveis, bem como serviços de desenvolvimento empresarial, assessorias, capacitação e eventuais ajudas à comercialização de produtos.

Ao dar crédito para pequenos empreendimentos chefiados por mulheres, sob a vice-presidência de Clara Steinberg o Banco da Mulher apostou na capacidade e no potencial delas como agentes de mudança da sociedade e as inseriu num mercado até então fechado para elas, permitindo que boa parte conquistasse a tão sonhada cidadania.

## CAPÍTULO 14 CAEMI E PROJETO ZICO

Construir edifícios e casas exige um compromisso moral bem maior do que produzir bens de consumo imediato, que o usuário joga fora tão logo deixam de servir. Não é uma questão de avaliar apenas o custo e a rentabilidade de um projeto, de saber quantas toneladas de aço ou cimento são necessárias para calcular o preço final do metro quadrado do imóvel, o qual, acrescido do lucro do incorporador, determinará se o empreendimento é financeiramente interessante ou não.

Para Jacob e Clara Steinberg, construir sempre foi algo mais estimulante do que conferir receitas e despesas de uma obra. Era participar da construção de uma cidade, lutar contra o subdesenvolvimento do país e melhorar a qualidade de vida da população através de projetos arquitetônicos funcionais, que possibilitavam contornar problemas humanos decorrentes da excessiva verticalização das grandes metrópoles.

Pensando assim, a Servenco deu outra notável demonstração de competência no final de 1982, ao assinar contrato para, em conjunto com o escritório de arquitetura Edison Musa, executar a construção do primeiro prédio inteligente da cidade. O edifício – que serviria de sede para um grande grupo empresarial siderúrgico, a Fundação Caemi – foi levantado na Praia de Botafogo, 300, em tempo recorde: começou em 1983 e terminou 24 meses depois, em março de 1985.

Pelo elevado padrão de sofisticação, o prédio da Caemi marcou um significativo avanço tecnológico na trajetória da Servenco. As vigas do edifício se concentravam na fachada e no hall dos elevadores, localizado no centro do prédio. O controle de acesso ao heliponto da cobertura era monitorado por sistema de automação integrado. Uma central computadorizada detectava ocorrências nos diversos sistemas – elétricos, hidráulicos, de alarmes, de incêndios, etc. – comandando-os de forma automática, na maioria das vezes. Além disso, monitores de televisão permitiam supervisionar toda a parte externa e interna do edifício, que soma 35 mil metros quadrados distribuídos em subsolo e 13 pavimentos, alertando de imediato para qualquer irregularidade.

Do período inicial, quando o casal Steinberg se encarregava de tudo sozinho – do estudo de viabilidade do projeto até a entrega da obra – restava apenas a lembrança. Em meados dos anos 80, o grupo contava com mais de 300 funcionários em tempo integral, dos quais 126 exerciam atividades de nível superior – engenheiros, arquitetos, economistas, advogados, médicos, assistentes sociais, professores e educadores – além dos funcionários do escritório e de mais de 1.200 trabalhadores de obra (capatazes, técnicos de nível médio e operários), muitos com mais de dez anos de casa. Havia ainda um grupo constante de subempreiteiros, que acompanhava a firma desde a sua criação, quatro décadas antes.

Em ciência e tecnologia, quem não se aprimora corre o risco de ser ultrapassado rapidamente pelas novas conquistas teóricas e práticas que surgem nestes setores. Uma das lições que a escola Servenco ensinava era manter a mentalidade aberta às conquistas tecnológicas, mas procurando absorvê-las e adaptá-las à realidade nacional. Através de cursos de especialização para funcionários e diretores, a empresa investia no aperfeiçoamento constante de seus departamentos técnico e administrativo, bem como do pessoal da obra.

A implantação de tecnologias mais avançadas, inclusive com a utilização de computadores para o processamento de dados, o que não era comum à época, permitiu construir prédios residenciais em concreto protendido, racionalizar serviços com aumento do índice de produtividade nas obras e baixar de forma acentuada o índice de acidentes de trabalho.

Além da paixão pela Publicidade, Rogerio Steinberg amava o Clube de Regatas do Flamengo de forma incondicional. Ele jamais se daria por satisfeito se, após tantos trabalhos reconhecidamente espetaculares, não fizesse algo grandioso para seu clube do coração. Assim, deu início ao Projeto Zico. Campanha para rubro-negro nenhum botar defeito.

O Projeto Zico foi seguramente a maior promoção esportiva da propaganda brasileira. Nasceu não de um frio planejamento mercantil, mas da passionalidade de Rogerio Steinberg. Seu desenvolvimento tornou-se um magnífico programa de marketing, mas o que lhe deu o primeiro impulso foi o coração, a paixão do fanático torcedor.

Rogerio acreditou numa missão aparentemente impossível. A essência do Projeto Zico era junto à iniciativa privada levantar recursos para adquirir o passe do jogador, que tinha sido negociado com o Udinese, da Itália. Ofereceria, em troca, uma série de eventos promocionais e a utilização do próprio craque em mensagens publicitárias.

Depois do sucesso com o retorno de Zico, Rogerio envolveu-se em outra ação importante, a volta de Sócrates. Conduzindo as negociações praticamente sozinho, conseguiu tirar o craque da Fiorentina e trazê-lo para o seu Flamengo. No decorrer disso tudo, de quebra, concebeu um personagem de vida longa, o Uruba. Desenhado por Arthur Uranga, o simpático urubu acabou sendo institucionalizado. Hoje é estátua que interage com a criançada no parquinho infantil da Gávea.

Apesar de ser grande piadista, Rogerio ficava encabulado quando o homenageavam em público. Mas, se o agraciavam, ele fazia por onde. Às vezes, vendia prédios até sem publicidade. Como no caso da campanha “O filé-mignon do Leme”, que se referia a um edifício na rua Roberto Dias Lopes. Ao colocar um boi de verdade na praia de Copacabana, em plena época de racionamento de carne, rendeu material jornalístico de primeira página. Contudo, para tristeza de leitores e telespectadores, aquele foi seu último comercial.

## CAPÍTULO 15 A TRAGÉDIA

Criativo, autêntico, coerente, persistente, idealista, amigo. Rogerio Steinberg era um pouco tudo isso. Aliás, era muito tudo isso. Extremamente afetivo, conquistou amizades, teve notável vida artística, mostrou brilhantismo em vários sentidos. Porém, em 10 de outubro de 1986, chocou o país ao, no auge da carreira, aos 34 anos de idade, ser vitimado por um acidente fatal. Ao retornar de Búzios, onde fez parte da mesa julgadora do II Festival do VT Publicitário, deixou órfã a propaganda brasileira.

Rogerio retornava a cem por hora no volante para o Rio para poder jantar com Lídia, sua esposa. O excesso de velocidade o fez derrapar num trecho da Rodovia RJ-124, a Rio Bonito-Araruama. Na perigosa “Curva do Marrom”, perdeu o controle de seu Santana VH 9449, que saiu da pista e capotou.

– Lamento muito ele ter trocado de carro, porque gostava de correr – resignou-se Chico Anysio, que trabalhou em alguns comerciais dirigidos por Rogerio. – Se tivesse ficado com o Passat, talvez isso não acontecesse.

Rogerio morreria no dia em que pela primeira vez seria veiculado na tevê o comercial do “filé-mignon do Leme”. O VT passaria às 19h45, e na ânsia de contemplá-lo com Lídia, pisou fundo no acelerador. Só que a estrada era traiçoeira. No mesmo lugar onde bateu, um trecho conhecido como “curva da morte”, outras três fatalidades haviam sido registradas recentemente.

O jornalista Roberto D’Ávila encontrou o amigo pouco antes do acidente:

– Estive com ele dois dias antes. Conversamos rapidamente, mas senti que ele estava vivendo uma nova fase. Mil projetos desfilavam naquela cabeça privilegiada. No meu escritório ele gravou seu último depoimento, que foi veiculado na Rede Manchete. Lá estava ele alegre, criativo, sincero, o mesmo Rogerio que conheci e que deve estar lá em cima pensando em como inventar alguma coisa com as estrelas.

Carlos Manga recorda um episódio marcante:

– Eu o chamava de Anjinho Barroco, por causa daquele cabelo todo encaracolado, cheio de cachinhos – ressalta o diretor de cinema e televisão. – Posso dizer que ele me comprou emocionalmente ao propor fazer algo para as crianças que era belíssimo. Ele falava contigo baixinho, carinhoso, e num certo momento do Projeto Zico, quando a coisa estava de alucinar para cima dele, sua meiguice continuava a mesma. Ele me tratava com amor enquanto eu dava pontapés no vento. Foi uma grande lição de lealdade, ponderação e carinho que recebi depois de velho de um menino. Essas pessoas duram pouco mesmo.

Em dezembro de 1986, o Clube de Regatas do Flamengo enviou à Servenco a seguinte carta:

*“Prezados Clara e Jacob,*

*A presente tem o objetivo de outorgar ao inesquecível seu filho Rogerio o título de honorário post mortem do Clube de Regatas do Flamengo. O título foi criado especialmente para homenagear esse torcedor apaixonado que se tornou exemplo inimitável de dedicação ao Flamengo. Como Rogerio não era filiado ao clube, oficializá-lo à associação é um motivo de extremo orgulho para nós e nossa forma de apreciar a gratidão de todos os rubro-negros.”*

O documento era assinado pelo então presidente do clube, George Helal, pelo ex Márcio Braga e também pelo maior ídolo de Rogerio, Zico.

O “filé-mignon do Leme” representou mesmo o último trabalho coordenado e dirigido por Rogerio Steinberg. No entanto, ele criara e desenvolvera ainda um comercial de Natal que seria veiculado pouco depois do seu falecimento. Protagonista do anúncio póstumo, Chico Anysio, seu ator predileto, emocionou-se durante a filmagem:

– O Rogerio era um criador e acho que a publicidade deve a ele muito em criatividade e audácia – disse o humorista. – Tenho uma tristeza muito grande de poder ter o orgulho de ter feito o último comercial que ele criou. Aliás, os dois últimos: a voz do boi no comercial do Leme e o Papai Noel do Norte Shopping.

Por todo aquele mês de dezembro, até o décimo dia de 1987, Rogerio seria lembrado de outra forma. O Rio Design Center apresentou na fachada uma fantástica decoração natalina projetada por ele. Uma imensa bota do Papai Noel dava ao shopping um passo à frente nas decorações que a cidade estava acostumada a ver. Pesando cerca de uma tonelada, a bota parecia romper os vidros da fachada. Na verdade, ultrapassava as barreiras da criatividade.

Qualquer homenagem póstuma a Rogerio seria pouca. Mas muitas surgiram ao longo dos anos. O principal auditório do Clube de Regatas do Flamengo recebeu seu nome. O Prêmio Colunistas, do Rio de Janeiro, passou a distribuir uma condecoração especial, também com seu nome, ao melhor redator e diretor de arte de cada ano.

Quando o publicitário se foi, morreu com ele a Propaganda Estrutural. Sem sua mola mestra, a agência fechou as portas. Em setembro de 1987, a Servenco lançou no Rio Design Center o livro “A Publicidade de Rogerio Steinberg”, um portfólio completo da Estrutural com depoimentos, fotos, matérias, campanhas e os anúncios que renderam à agência centenas de prêmios Brasil afora.

Em dezembro de 1999, um levantamento realizado entre publicitários brasileiros apontou Washington Olivetto como o “Publicitário do Século” no país. Ao longo do período de votação, foram indicados 262 nomes, entre publicitários vivos ou falecidos. Mesmo 13 anos depois de sua morte, Rogerio não foi esquecido. Pelo contrário: sua carreira meteórica rendeu-lhe a honrosa 19ª colocação. Sinal de que nem todo brasileiro tem memória curta.

## CAPÍTULO 16 SECONCI E BANCO DA MULHER

Década de perdas, anos difíceis, Jacob e Clara Steinberg precisaram buscar nas próprias adversidades uma força incomum para seguir adiante. Em 1988 o grupo chegou à marca de 198 obras. Eram 8.792 unidades residenciais, 1.279 escritórios, 448 lojas, quatro apart-hotéis, três prédios de empresas, dois edifícios-garagem e um shopping center, além de vários galpões industriais e três ruas abertas. No percurso, mais de 1 milhão e 500 mil metros quadrados de áreas construídas, o equivalente a uma cidade de 35 mil habitantes.

Vale ressaltar que 1988 foi um ano especial. Não é qualquer empresa que chega forte e saudável aos 40 anos, ainda mais atuando no setor de construção civil. Para celebrar o aniversário, realizou-se no Rio Design Center uma exposição retrospectiva do pintor Cícero Dias.

– Nossa empresa sobreviveu a todas as crises, foi uma das poucas que conseguiu – orgulha-se Jacob Steinberg. – Aquelas que vendiam tudo na planta quebravam, porque vinham inflações descomunais e elas não suportavam a alta dos preços. Nós não queríamos de jeito nenhum vender nada que nos comprometesse no futuro. Vendíamos aos poucos, de tempos em tempos, de forma que quando acabávamos o prédio, ainda tínhamos apartamentos para vender.

É fato que em outubro de 1983 começou a se agravar o patamar do processo inflacionário, deflagrado em 1979 com a crise do Petróleo. Apesar das dificuldades, a construtora sustentou seu padrão de excelência. Mantinha até o final as especificações asseguradas no começo das obras. O que era quase um ato de heroísmo. Graças à inflação, a maior parte das empresas reduzia a qualidade dos materiais. A Servenco não.

Quando o Banco Nacional da Habitação quebrou, o sinal vermelho se acendeu. Na época do Plano Collor, foi um impacto emocional incomensurável perder todo o dinheiro de uma hora para outra. Mesmo num momento tão conturbado, a Servenco jamais deixou de assistir seus operários.

Durante o período em que presidiu o Sinduscon, Jacob Steinberg impetrou no sindicato o mesmo zelo pelo lado social que virou marca registrada no grupo que fundara. Partiram dele as primeiras iniciativas que vieram a culminar com a criação do Serviço Social da Indústria da Construção Civil do Rio de Janeiro, o Seconci, hoje uma instituição de grande respeito e alcance social.

Ao deslocar sua atenção para a saúde dos operários e de seus familiares, Jacob teve a honra de se tornar, em 1989, o primeiro presidente do Seconci. Na ocasião, respondia como vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado, a Firjan, e também da CNI, a Confederação Nacional das Indústrias.

Criado no segundo semestre de 1989, o Seconci recolhe de mais de mil empresas associadas ao Sinduscon a contribuição mensal de 1% sobre a folha de pagamentos e oferece, em troca, ampla assistência social, além de atividades educativas, de promoção da saúde e prevenção a doenças, não só para os operários como a seus familiares.

Das maiores dificuldades enfrentadas por Jacob na época foi obter a primeira sede do Seconci. Era preciso angariar fundos para comprar um local que servisse como ponto de convergência para a chegada dos operários. Mas dinheiro, naquele tempo, era produto escasso. Assim como eram penosas as condições para se adquirir um imóvel.

– Tive de garantir pessoalmente o pagamento – conta Jacob. – Ficou 40% para quitarmos depois, mas precisávamos dar uma garantia. Dei do meu próprio bolso a garantia e me orgulho muito por ter feito isso.

Em sua gestão, Jacob Steinberg instalou trailers com dentistas, médicos e assistentes sociais nos canteiros de obras, para atender aos operários. Um acordo com o Ministério da

Saúde possibilitou o fornecimento de camisinhas como forma de prevenção a Aids, doença que se alastrava mundo afora.

Em 1991, às vésperas da Eco-92, Clara Steinberg tornou-se membro do Conselho Empresarial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Associação Comercial do Rio de Janeiro. No mesmo ano, ela, uma das fundadoras da Academia Nacional de Engenharia, a ANE, foi congratulada membro titular do conselho deliberativo da entidade.

No raíar de 1992, Clara recebeu do Ministério de Educação e Cultura o título de sócia benemérita do Colégio Pedro II, pelos relevantes serviços prestados à instituição de ensino. Em fevereiro de 1992, o Banco da Mulher aprovou sua nova diretoria e a empossou presidente do Conselho Superior.

Durante a atuação de Clara Steinberg como presidente do Banco da Mulher, cerca de 35 mil créditos foram concedidos, num valor total de mais de R\$ 40 milhões, em sua maioria a pessoas físicas do setor informal. Outro dado relevante: mais de 70 mil empregos indiretos foram por ela criados.

Clara presidiu o Banco da Mulher de 1992 a 2004. Desde então, tornou-se Presidente de Honra da instituição. Ao longo dos anos, porém, recebeu outras importantes distinções. Numa reunião extraordinária ocorrida em 31 de agosto de 1993, o Conselho Superior da Associação Comercial do Rio de Janeiro a elegeu benemérita da instituição.

Preocupada 24 horas por dia com a questão da desigualdade social, Clara acreditava piamente que o investimento em educação era um dos caminhos viáveis para o país. Em 1997, aos 73 anos de idade, cansada de pouco ver as pessoas se mobilizarem, decidiu arregaçar as mangas. Criou um instituto, nele pôs o nome do filho que houvera perdido e assim fez mais, muito mais do que seu papel de cidadã. Fez um verdadeiro motivo de orgulho para a cidade. O Instituto Rogerio Steinberg.



## CAPÍTULO 17

### O INSTITUTO ROGERIO STEINBERG

A deficiência do sistema escolar brasileiro pode ser apontada como uma das principais causas da degradação da qualidade de vida nas metrópoles. A incompetência dos poderes públicos faz com que até hoje o país não tenha conseguido cumprir a determinação constitucional que assegura educação básica a todo cidadão brasileiro.

Não basta abrir escolas, medida meramente paliativa. No ponto de vista de Clara Steinberg, educar é promover o desenvolvimento físico, intelectual e moral de um indivíduo, com o objetivo de integrá-lo à sociedade, por meio da transmissão de valores e de conhecimentos acumulados. Permanentemente atenta em relação ao futuro, ela sempre se importou com a questão da educação. Especialmente das crianças – as suas e as dos outros –, futuros condutores da nação.

Buscando auxiliar os menos favorecidos, a Servenco apoiou diversas obras sociais e comunitárias, em especial a doação e edificação de um centro comunitário na rua 1 da favela da Rocinha, num trabalho em conjunto com a Associação Comercial do Rio de Janeiro, em 1983. Erguido pela Servenco, o Centro Comunitário da Rocinha ajuda crianças a desenvolver aptidões.

Na década seguinte Clara Steinberg transformou a dor da perda do filho em uma obra social de valor imensurável. Com o Instituto Rogerio Steinberg, ela e Jacob se impulsionaram a assistir meninos talentosos que não dispunham das mesmas condições de acesso à educação que seu filho Rogerio teve à época para se desenvolver.

Clara enxergava na Educação desníveis em duas áreas: junto aos menos dotados e aos mais dotados. Quanto aos menos dotados, é preciso saber o que se deve fazer com eles. Em relação aos superdotados, estes não suportam ficar na sala de aula ouvindo o que já sabem. Assim, a ideia do Instituto Rogerio Steinberg, o IRS, surgiu sem “concorrência”. Não havia no Rio de Janeiro outro projeto social que trabalhasse a questão das altas habilidades, superdotação e talentos.

Líderes ou gênios podem ser do bem ou do mal. Um exemplo de inteligência maligna é o perverso traficante Fernandinho Beira-Mar. Clara Steinberg entendia que se colocasse crianças e adolescentes carentes superdotados num caminho que não fosse o do crime – trilha para a qual poderiam ser facilmente levados, pela proximidade e facilidade – estaria fazendo algo importante.

Em 1997 deram-se início as atividades do Instituto Rogerio Steinberg, organização sem fins lucrativos que contribui para a redução das desigualdades sociais e o exercício da cidadania.

– Eu acredito que uma mudança social só pode ser feita de verdade através da Educação – explica Clara Steinberg. – O Instituto Rogerio Steinberg é uma proposta de mudança social, de melhoria para a classe que mais necessita. Criamos oportunidades que eles em geral não têm. É preciso estimulá-los para que saibam seu valor, conheçam seus talentos.

O Instituto cumpre sua missão através da realização de dois programas independentes mas complementares: o *Despertando Talentos* e o *Desenvolvendo Talentos*. O primeiro descobre novos conhecimentos e habilidades por meio de atividades lúdicas nas quais as crianças e os adolescentes têm participação ativa. O segundo tem por objetivo acompanhar e desenvolver o potencial individual e social dos alunos talentosos escolhidos após seleção criteriosa, estimulando-os como um todo, para que sejam capazes de se inserir ativa e produtivamente na sociedade.

As crianças são acompanhadas por psicólogo, problemas de saúde são encaminhados aos médicos, a maioria faz curso de inglês, mas os participantes têm de apresentar resultados – o boletim é sistematicamente conferido. Para habilidades

específicas evidenciadas pela equipe técnica, são oferecidas atividades em nível avançado que acontecem nas instituições parceiras mediante bolsas gratuitas.

Para conduzir esses programas, o IRS conta com uma equipe bem treinada. Professores e recreadores contratados, voluntários e estagiários dedicam às cerca de 30 escolas públicas e instituições beneficentes do município educação complementar nas áreas culturais, educacionais e recreativas, de forma a potencializar o ensino acadêmico formal. Mais do que filantropia, o Instituto distribui oportunidades através de projetos nos campos da arte, música, dança, teatro, capoeira, informática, iniciação desportiva, contação de histórias, recreação, bijuteria, pintura em tecido, brinquedoteca, matemática, passeios e visitas a museus. Quase 30 mil alunos já foram beneficiados. Só a sede do Instituto acolhe, em média, 300 participantes por ano.

Em abril de 2002, a Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro aprovou projeto de lei considerando de utilidade pública o Instituto Rogerio Steinberg. No ano seguinte, o IRS recebeu o título de Utilidade Pública Federal.

– Nossa experiência no IRS com a educação de crianças moradoras em comunidades que constituem verdadeiros obstáculos urbanos – diz Clara Steinberg – nos convenceu da importância de atuarmos como agentes socioeducativos para o desenvolvimento do país. Não se trata de assistencialismo, mas de fazer da Educação a alavanca que potencializa a inteligência de nossas crianças e nossos jovens, dando-lhes condições reais de conhecimento teórico e prático para que a esperança de uma vida melhor se concretize em verdadeiras oportunidades de se desenvolverem como pessoas e como cidadãos.

Segundo ela, só a educação pode transformar o mundo e fazer o ser humano tornar-se melhor. O Instituto Rogerio Steinberg acredita nisso e há 15 anos vem fazendo a sua parte.

## CAPÍTULO 18

### O RIO DESIGN BARRA

Em 2001, se alguém pensasse que Clara Steinberg, aos 77 anos, tinha se aposentado, estaria redondamente enganado. Sua rotina continuava a mesma. Um de seus maiores prazeres era comparecer ao escritório dia após dia, para examinar os projetos e se entusiasmar com os novos lançamentos.

No começo do ano, ela realizou um estudo sobre o subsolo do prédio da Associação Comercial do Rio de Janeiro. Sugeriu criar no espaço, até aquela data obsoleto, um auditório – hoje conhecido como Centro de Estudos Sociais e Econômicos. Em reconhecimento a seu trabalho, Clara seria por méritos próprios eleita a primeira mulher grande benemerita da história da Casa.

A vice-presidente da Servenco só não poderia lutar contra o processo de freagem de sua própria empresa. Desde 1994, a Servenco optou por não comprar mais terrenos. Alguns de seus principais engenheiros não tiveram outra alternativa a não ser trocar de casa.

Ainda assim, Clara Steinberg recebeu das mãos da primeira-dama do país, dona Ruth Cardoso, o Troféu Beija-Flor, oferecido pelo Instituto Rio Voluntário. E, ao lado do marido Jacob, festejou em 1998 o cinquentenário da Servenco, numa festa que lotou o Museu de Arte Moderna do Rio.

Neste aniversário, o casal recepcionou amigos queridos e ilustres, como o prefeito Luiz Paulo Conde, o bibliófilo José Mindlin e o presidente da Firjan, Eduardo Gouveia Vieira. Para comemorar a data, a empresa lançou o livro “A Arquitetura Moderna Brasileira”, de Henrique Mindlin. Editada em inglês, francês e alemão em 1956, a publicação ganhava sua tardia primeira edição em português graças ao patrocínio da construtora, que manteve o primoroso projeto gráfico e editorial original.

No ano seguinte, Clara seria citada no livro “Mulher – Cinco Séculos de Desenvolvimento na América”, no capítulo Brasil. Ainda em 1999, ganhou o prêmio “Personalidade do Ano”, cortesia do Instituto de Arquitetos do Brasil, o IAB, no Rio. Foi também eleita “Eminente Engenheira do Ano” pelo Clube de Engenharia, e ganhou homenagem especial do Conselho Nacional de Mulheres do Brasil.

Nessa época, analisando os números da Servenco, Clara notou a grandiosidade da obra que ela e o marido edificaram. Ao longo das cinco décadas, 2 milhões e 885 mil metros quadrados de área haviam sido construídos até então. Juntos, os 226 empreendimentos realizados equivaliam a dois bairros somados: Leblon e Ipanema.

Quanto a Jacob Steinberg, este se tornou o primeiro presidente da seção fluminense da FIABCI. Passou a presidir a regional do Rio de Janeiro a partir de 29 de janeiro de 1999. A criação das sucursais estaduais permitiu a expansão institucional e territorial da entidade em todo país. Com o auxílio de sua nova equipe, que contava com Cláudio Fortes e Francis Bogossian, entre outros, Jacob desempenhou magnífico papel. Trouxe novos associados e com eles manteve estreita relação de parceria. Promoveu cursos, eventos, reuniões e encontros empresariais, favorecendo o desenvolvimento das atividades imobiliárias. Ainda hoje, Jacob Steinberg responde como diretor de Relações Empresariais da instituição.

Devido ao sucesso do Rio Design Center no Leblon, a Servenco, mesmo num momento mais de segurar do que de acelerar, concentrou foco neste segmento econômico. Clara Steinberg idealizou e coordenou a construção e implantação do Rio Design Barra. Situado na Barra da Tijuca, um dos bairros mais valorizados do Rio, o RDB seria a última grande obra, a cereja do bolo da Servenco em sua trajetória de centenas de construções.

Do piso nobre, feito em granito policromado jogando com fosco e brilhante, à valorização dos espaços, o Rio Design Barra – maior shopping de decoração da América

latina, três vezes maior do que o do Leblon – trazia um projeto arquitetônico extremamente arrojado. O teto foi equipado com iluminação variável em intensidade e posicionamento, visando as futuras exposições que nas galerias seriam realizadas. Sua estrutura foi também preparada para a colocação de painéis. Cuidados especiais no planejamento da escada a transformaram numa verdadeira escultura arquitetônica, utilizada até como cenário de novelas. Já a fachada externa, estudada de forma a permitir fixação e suportar peso, constituiu-se num imenso outdoor.

Inaugurado em 28 de setembro de 2000, o Rio Design Barra fundiu beleza com funcionalidade, numa área de aproximadamente 45 mil metros quadrados. Entre o início das obras e a solenidade de abertura passaram-se apenas 20 meses. Levados em conta os desafios – como a construção de uma claraboia a 16 metros de altura, entre outras inovações – era difícil acreditar que uma obra de tamanha envergadura pôde ser concluída em tão pouco tempo. Então presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Arthur Sendas, perplexo, na cerimônia extravasou:

– São iniciativas como essa que nos fazem acreditar que cada vez mais o Rio de Janeiro tem potencial proeminente no cenário nacional e internacional. A luta pelo desenvolvimento social do país, do estado, de uma cidade e de um bairro é um processo permanente. Empresários como Clara e Jacob têm dado o exemplo e feito sua parte.

Em 10 de dezembro de 2007, os dois Rio Design comemoraram a conquista do mais importante prêmio do setor, concedido pela maior instituição mundial da área, a *International Council of Shopping Centers*. Os notáveis resultados renderam-lhes o *Maxi Silver Award* na categoria *Integration*, que abrange simultaneamente diversos aspectos quantitativos e qualitativos que comprovam o sucesso de um projeto.

## CAPÍTULO 19

### A DESACELERAÇÃO

Com um acervo de mais de 230 obras executadas, em que se incluíam algumas das referências arquitetônicas mais expressivas do Rio de Janeiro, a missão do grupo Servenco estava mais do que cumprida. Chegava a hora de desacelerar.

Afinal, administrar a Servenco e o Seconci em plena Era Collor rendeu a Jacob Steinberg um infarto. Com o susto, o empresário pesou os prós e contras na balança e chegou à conclusão de que não mais valia a pena se envolver com tamanha energia em tantos negócios. O melhor a fazer era ir aos poucos pisando mais e mais no freio, claro que de forma lenta e gradual, para não criar pânico, principalmente entre seus funcionários.

Jacob e Clara não queriam vender o nome Servenco pois este tinha virado quase um sobrenome. Havia o receio de que alguém fizesse algo ruim – tipo não acabar uma obra direito – e sujasse uma marca construída através de anos de ética, zelo e retidão. Valor afetivo não tem preço.

Após a assinatura de um contrato redigido com esmero e atenção, a construtora foi incorporada pela Brascan. A Servenco não ganhou dinheiro com a operação, porém foram preservados os empregos dos servidores que trabalhavam para ela havia anos.

A Brascan adotou o negócio. Ganhou a *expertise*, a infraestrutura e a excelência dos serviços da Servenco em troca de honrar os salários daqueles que, no fundo, eram muitos dos melhores profissionais do ramo.

Pouquíssimas pessoas, uma das quais o fiel escudeiro Abrahão Hirszman, permaneceram no que sobrou da Servenco. De todo o grupo, a única empresa que se mantém firme até hoje é a *holding* que administra o patrimônio acumulado ao longo dos anos, além de alguns imóveis e os dois shopping centers.

– Somos os donos dos Rio Design Leblon e Barra e temos a Ancar como prestadora de serviços – esclarece Ronaldo Steinberg. – Ela faz um trabalho muito bom, mas há uma intensa supervisão nossa.

Paradoxalmente, ter parado de construir ajudou o casal Steinberg a construir ainda mais. Só que em âmbito social. Os fundadores da Servenco sempre procuraram participar da vida comunitária. Jacob e Clara são conselheiros da Universidade de Tel Aviv e fundaram a Universidade de Beersheva. Os dois são membros também do Centro Cultural Brasil-Israel.

Atendendo a um pedido da professora de Artes Maria Tereza Vieira, a dupla reconstruiu o prédio antigo da rua da Carioca, 85, que fez parte do corredor cultural do Rio e havia sido destruído por um incêndio.

A escola Eliezer Steinberg ganhou seu anexo e um centro de Informática. Já o edifício-sede do Colégio Pedro II, no Humaitá, foi por eles reformado e recebeu de presente um auditório e um centro cultural.

Devido às realizações e à intensa dedicação às causas sociais e da mulher, em 2000 Clara foi incluída no livro “Dicionário Mulheres do Brasil – de 1500 até a Atualidade”. Em 2001, ganhou a Medalha Cora Coralina, na Assembleia Legislativa do Rio.

Incluída também no livro “Mulheres de Valor”, de Rachelle Dolinger, em 2003, Clara teve seu nome reconhecido pela Hebraica durante a eleição “As dez mulheres da comunidade judaica que mais se destacaram em suas atividades no decorrer dos anos”. No final de 2004, ela recebeu placa e diploma de Honra ao Mérito no Dia Internacional dos Direitos Humanos, concedidos pela Ordem dos Advogados do Brasil, por ser a idealizadora do Instituto Rogerio Steinberg. Em agosto de 2009, foi eleita a primeira mulher Grande Benemerita da história da Associação Comercial do Rio de Janeiro.

– A discriminação continua, mas a mulher vem cada vez mais ocupando espaços de forma positiva – diz Clara, contente em ver o país enfim eleger uma mulher, no caso a ex-ministra Dilma Rousseff, Presidente da República.

Em 9 de março de 2010, Clara viajou a Brasília para, em sessão solene do Senado Federal, ser agraciada com o Diploma Mulher-Cidadã Bertha Lutz, honraria concedida às brasileiras que de maneira relevante contribuíram na defesa dos direitos da mulher e brigaram por sua valorização no país.

Sem sombra de dúvidas, Clara Steinberg se tornou personagem marcante na história da construção civil do Rio de Janeiro. Um exemplo a ser seguido.

## CAPÍTULO 20 A FAMÍLIA

Poucas firmas conseguiram chegar onde a Servenco chegou. Menos ainda, com o destaque que obteve como construtora. Ela foi o que foi sem precisar fazer obras públicas. Sem também fazer sequer um inimigo.

Ela só fez crescer enquanto quis. Realizou obras representativas, como alguns dos prédios mais altos do Rio. Em 1970, ergueu o Edifício Clube da Aeronáutica, o maior do Centro da cidade. Em 1976, o maior de Copacabana. Na mesma década, o maior do Leblon. Fez ainda o primeiro apart-hotel, os primeiros playgrounds, o primeiro prédio inteligente, o primeiro shopping temático. Pioneirismo, teu nome é Servenco.

Essa empresa nunca se endividou. Jamais atrasou pagamento de salários ou de impostos. Tem insignificante número de ações judiciais impetradas contra si. Resultados de uma boa gestão, que a permitiu sobreviver em meio ao tiroteio de mais de uma dezena de cruéis planos econômicos.

Jacob e Clara Steinberg sublimaram o amor pelo filho falecido de forma prematura para intensificar um amor pelas pessoas em geral. A Servenco tornou-se uma verdadeira família, na qual os patriarcas se preocupavam com o bem-estar dos entes queridos.

Aqui se embute um parêntese: empresa familiar, sim, mas de grande conceito na indústria da construção civil no Rio. Capaz de fazer com que seus ex-funcionários – gente que trabalhou há 20 ou 30 anos no grupo – até hoje tenham a satisfação de se reencontrar em anuais jantares comemorativos.

Ao aprovar os nomes de Clara e Jacob como Engenheiros Eminentíssimos, há quatro anos, a Associação dos Antigos Alunos da Politécnica premiou a inteligência e o espírito empreendedor de dois jovens profissionais que transformaram o sonho de uma pequena empresa de construção em marca respeitada, com importantes contribuições na sua área. O normal é a Associação premiar um engenheiro por ano. Excepcionalmente, porém, naquele 16 de abril de 2008 os dois não tiveram como escapar de serem homenageados juntos.

Emocionado, na ocasião Jacob Steinberg celebrou o sucesso de sua longa relação com a esposa:

– Tenho grande satisfação de contar com a parceria permanente de Clara por mais de 60 anos, seja como esposa, como mãe muito extremosa e, sobretudo, como grande companheira na gestão das empresas, desde a parte administrativa, na escolha dos terrenos, além de seu grande empenho em atividades sociais e filantrópicas.

Jacob e Clara intercalam hoje as boas lembranças dos áureos tempos da Servenco com a certeza de que os netos serão bem-sucedidos em suas respectivas áreas. Karen, a “poeta” da família, depois de cursar o College em Los Angeles, na Califórnia, tornou-se instrutora de ioga em Nova York, onde mora.

Deborah, que fez o College na Duke University, na Carolina do Norte, se formando em Direito, deu duas bisnetas a Jacob e Clara: Kayla Mirian, nascida em 11 de agosto de 2008, e Aviva Rachel, que veio ao mundo em 30 de março de 2010.

Rafael Steinberg é quem tem maior ligação com o país natal. Durante o College, feito também na Duke University, passou um semestre inteiro na PUC, do Rio, cursando Economia e Sociologia, em 2001. Após cursar a Universidade da Califórnia, fez MBA em Berkeley, estagiou em bancos dos Estados Unidos e trabalhou por um tempo com o pai. Gostou da experiência no mercado financeiro e decidiu fazer isso da vida: alocar recursos da maneira mais eficiente possível. Hoje toca sua firma, ao lado de Ronaldo e de um primo. Chamada Propus Capital, a empresa, fundada em agosto de 2009, pretende fazer com que no futuro mais americanos invistam no Brasil.

Empreendedores de mãos cheias, Jacob e Clara Steinberg ainda formam um casal de muita cumplicidade. Cheios de amor, com dedicação incomum, um coexiste no outro. São a prova de que dois viram um só, caso realmente haja união. Casamento de corpos e de almas, a admiração de um pelo outro comove. São mais do que dois apaixonados.

Segundo a nora Betty Steinberg, não há na história do mundo outro exemplo de história semelhante:

– Duas pessoas com características tão diferentes, com sensibilidades tão diferentes, e que se juntam e fazem dessa união uma força produtiva, só devem mesmo existir esses dois – diz ela.

Para o filho Ronaldo, seus pais são fonte de inspiração:

– Nas bodas de ouro, na verdade eles comemoraram 100 anos de casamento: 50 na vida pessoal e mais 50 na vida em comum de escritório.

E é com toda essa confiança e admiração por parte de parentes, amigos e funcionários que Jacob e Clara Steinberg, como eles próprios definem, estão recém-casados há 64 anos. Mais do que nunca e para sempre, os dois são indissociáveis. Não há mais como falar só nela ou apenas nele. Os Steinberg, hoje em dia, se tornaram uma pessoa só. E a Servenco, o seu notório – e notável – sobrenome.

---